



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA - CCET
DEPARTAMENTO DE DESENHO E TECNOLOGIA - DEDET
CURSO DE DESIGN

LAILA FERNANDA DIAS SOUSA

**Livros Infantis Acessíveis: Design Editorial como Ferramenta à
Socialização de Crianças com TEA**

São Luís - MA

2025

LAILA FERNANDA DIAS SOUSA

**Livros Infantis Acessíveis: Design Editorial como Ferramenta à
Socialização de Crianças com TEA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Curso de Design da Universidade Federal
do Maranhão para obtenção do grau de
bacharelado em Design.

Orientador: Profº. Drº. André Leonardo
Demaion Medeiros Maia

São Luís - MA

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Dias Sousa, Laila Fernanda.

Livros Infantis Acessíveis: Design Editorial como Ferramenta à Socialização de Crianças com TEA / Laila Fernanda Dias Sousa. - 2025.

84 p.

Orientador(a): André Leonardo Demaison Medeiros Maia.

Curso de Design, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Design Editorial. 2. Elementos Visuais. 3. Literatura Infantil. 4. Biblioterapia. 5. Autismo. I. Demaison Medeiros Maia, André Leonardo. II. Título.

LAILA FERNANDA DIAS SOUSA

**Livros Infantis Acessíveis: Como o Design Pode Favorecer a Socialização
de Crianças com TEA**

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. André Leonardo Demaison Medeiros Maia (Orientador)

Prof. Dr. Marcio James Soares Guimarães – Examinador Interno

Profa. Dra. Gisele Reis Correa Saraiva – Examinadora Interna

DEDICATÓRIA

Dedico este importante trabalho aos meus queridos e amados, primos e sobrinhos autistas, Neymar, Danilo, Lucca, Joaquim e Emily, que me inspiraram e motivaram para escrever sobre as contribuições do design para crianças perfeitas e incríveis como vocês, espero que saibam que os amo muitíssimo.

“O objetivo de um designer é escutar, observar, compreender, simpatizar, enfatizar, sintetizar e obter ideias que lhe permitam, tornar visível o invisível”. - Hillman Curtis

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer à Deus e a Maria Santíssima, por toda as alegrias e graças durante esses anos, por nunca me deixarem desanimar e me permitirem chegar até aqui;

Agradecer aos meus pais, Altrudes e Analice, que são as pessoas mais importantes da minha vida, aqueles que por todo o sempre me proporcionaram o melhor, sempre pensando em minha educação e qualidade de vida, amo vocês absolutamente;

Aos meus irmãos, Marlon, Blenda e Cadmo, a minha sobrinha Mirela e a minha cunhada Mylena, que sempre me apoiaram, encorajaram e sempre me incentivaram a continuar a fazer o que amo, vocês deixam minha vida mais bela e alegre, sou grata por tê-los, os amos;

Às minhas queridas avós, Francisca e Umbelina, que são absolutamente as maiores matriarcas que conheço, pelas suas atitudes de fé, coragem e determinação, sem vocês, nada com certeza seria possível;

Aos meus queridos familiares e amigos, que sempre estiveram comigo, dando conselhos e palavras de encorajamento, vocês não fazem ideia de como sou grata, muito obrigada;

Quero agradecer ao meu orientador e excelente professor, André Demaison, por aceitar meu convite nessa jornada, muito obrigada pelo apoio e parceria;

Não poderia deixar de falar de modo algum, da minha querida instituição Universidade Federal do Maranhão, obrigada pela oportunidade de realizar um sonho, me graduar na profissão que tanto amo, Design;

E para finalizar, quero deixar minha gratidão, por todos aqueles que de alguma forma estiveram presentes em minha caminhada e que de certa forma me fizeram chegar até aqui, muito obrigada a todos.

RESUMO

Esse trabalho foi realizado para a conclusão de curso de design da autora na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Esta pesquisa foi realizada por meio de revisões bibliográficas e tem como objetivo analisar o uso de elementos visuais do design e suas influências no design editorial na criação de obras de literaturas infantis. Além disso, analisa de que maneira essas obras podem contribuir como ferramenta de apoio no tratamento, na intervenção e socialização de crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). O principal objetivo deste trabalho foi identificar e analisar os elementos estéticos presentes em livros infantis, com foco naqueles transmitidos por meio da comunicação visual no design editorial. A intenção foi destacar quais desses elementos devem ser considerados no processo de criação editorial para favorecer, de forma mais eficaz, a sociabilização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Neste trabalho, serão investigadas as principais abordagens terapêuticas voltadas para crianças com TEA, com ênfase na biblioterapia — prática que utiliza a literatura como instrumento terapêutico. Além disso, discute-se o papel fundamental do design na concepção e no desenvolvimento dos produtos editoriais utilizados nesse contexto. Com base nos resultados que serão apresentados, percebe-se que o papel principal do designer é integrar a relação entre os objetos e seus usuários. No caso deste estudo, isso significa conectar os livros ilustrados às crianças, que são o público principal, valorizando os efeitos positivos dessa interação. Afinal, é através do projeto gráfico que o livro ganha forma e se comunica com o mundo.

Palavras-Chave: Design Editorial, Elementos Visuais, Literatura Infantil, Biblioterapia e Autismo.

ABSTRACT

This work was completed for the author's design degree at the Federal University of Maranhão (UFMA). This research, conducted through literature reviews, aims to analyze the use of visual design elements and their influence on editorial design in the creation of children's literature. Furthermore, it analyzes how these works can contribute as a support tool in the treatment, intervention, and socialization of children with Autism Spectrum Disorder (ASD). The main objective of this work was to identify and analyze the aesthetic elements present in children's books, focusing on those conveyed through visual communication in editorial design. The intention was to highlight which of these elements should be considered in the editorial creation process to more effectively promote the socialization of children with Autism Spectrum Disorder (ASD). This work will investigate the main therapeutic approaches for children with ASD, with an emphasis on bibliotherapy—a practice that uses literature as a therapeutic tool. Furthermore, the study discusses the fundamental role of design in the conception and development of editorial products used in this context. Based on the results presented, it becomes clear that the designer's primary role is to integrate the relationship between objects and their users. In this study, this means connecting illustrated books to children, their primary audience, and highlighting the positive effects of this interaction. After all, it is through graphic design that the book takes shape and communicates with the world.

Keywords: Editorial Design, Visual Elements, Children's Literature, Bibliotherapy and Autism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do informe publicado em 1943 pelo psiquiatra Leo Kanner.....	14
Figura 2 - O quadro com os níveis de suporte de acordo com o DSM-5-TR (2023)	17
Figura 3 - Retrato dos Irmãos Grimm	25
Figura 4 - Retrato de Monteiro Lobato.....	26
Figura 5 - Livro O Picapau Amarelo de Monteiro Lobato, 1ª Edição 1939	27
Figura 6 - Capa do Livro Desenho Linear ou Elementos de Geometria Prática Popular (1ª Parte)	30
Figura 7 - Capa do livro Robinson Crusoé, edição de Carlos Jansen 1884	32
Figura 8 - Compilado de imagens dos desenhos do miolo de Robinson Crusoé, edição Carlos Jansen (1884).....	33
Figura 9 - Página dupla do livro Onde Vivem os Monstros, por Maurice Sendak.....	42
Figura 10 – Exemplo de uso do recurso, espaço em branco. Capa do Livro Onda, de Suzy Lee (2017)	43
Figura 11 - Página do livro A Parte que Falta, de Shel Silverstein (2006)	44
Figura 12 - Página do Livro Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque e Ziraldo (2017)	45
Figura 13 - Quadro dos parâmetros tipográficos	49
Figura 14 - Família tipográfica Sassoon Primary	51
Figura 15 - Exemplo do uso de letterings em desenhos tipográficos, criado por Shauna Lynn Panczyszyn.....	53

LISTA DE QUADRO

Quadro - 1 - Elementos Visuais Recomendados em Livros Infantis para Crianças com TEA ..	60
Quadro - 2 Impactos dos Recursos Visuais na Socialização e Aprendizagem de Crianças com TEA.....	62

LISTA DE SIGLAS

ABA - Applied Behavior Analysis (Análise do Comportamento Aplicada)

APA - American Psychiatric Association (Associação Americana de Psiquiatria)

CDC - Centers for Disease Control and Prevention (Centro de Controle e Prevenção de Doenças)

CNN - Cable News Network (rede de televisão Estadunidense)

DNPM - Manual de Desenvolvimento Neuropsicomotor

DSM-5 - Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – 5ª Edição

EIBI - Early Intensive Behavioral Intervention (Intervenção Comportamental Intensiva Precoce)

ESDM - Early Start Denver Model (Modelo Denver de Intervenção Precoce)

OMS - Organização Mundial da Saúde

PECS – Picture Exchange Communication System (Sistema de Comunicação por Troca de figuras)

PNLD - Programa Nacional do Livro e do Material Didático

SBP - Sociedade Brasileira de Pediatria

TEA - Transtorno do Espectro Autista

TEACCH - Tratamento em Educação para Autista e Crianças com Deficiências Relacionadas à Comunicação

UFMA - Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	10
2.	OBJETIVOS.....	13
2.1	Objetivo Geral.....	13
2.2	Objetivos Específicos.....	13
3.	ENTENDENDO O AUTISMO	14
3.1	Diagnósticos e Sintomas.....	16
3.2	Formas de Tratamento.....	19
4.	OS LIVROS INFANTIS.....	21
4.1	A Biblioterapia para Crianças com Autismo.....	21
4.2	A Importância do Hábito de Leitura	22
4.3	A Literatura Infantil.....	24
4.4	A Literatura no Brasil.....	25
4.5	A Estética dos Primeiros Livros Infantis	28
5.	DESIGN EDITORIAL	33
5.1	O Livro Ilustrado.....	33
5.2	O Design dos Livros.....	35
5.3	A Importância dos Recursos Visuais.....	36
5.4	O Poder Imagético nos Livros Infantis.....	38
6.	ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO VISUAL	40
6.1	Formato e Layout.....	41
6.2	Diagramação	43
6.3	A Ilustração.....	46
6.4	Cor.....	47
6.5	Tipografia.....	49
6.6	Acabamentos Gráficos.....	54
7.	O PAPEL DO DESIGNER NA ELABORAÇÃO DO PROJETO VISUAL	55
8.	METODOLOGIA.....	56
9.	ANÁLISE E DISCUSSÃO	59
10.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
	REFERÊNCIAS	66

1. INTRODUÇÃO

A escolha do tema para este trabalho de conclusão de curso vem da reflexão da autora de como ela pode contribuir para a sociedade, em especial para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com o conhecimento e as habilidades em design adquiridas e desenvolvidas ao longo da graduação. Cabe também mencionar os interesses e repertórios pessoais sobre esse assunto, de total relevância para a mesma.

O design pode contribuir significativamente para a criação e edição de livros infantis, destacando elementos essenciais da comunicação visual que, combinados com a literatura, possuem grande potencial para apoiar a educação e a socialização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) por meio da leitura. Este estudo buscou explorar, de forma aprofundada, as potencialidades do design, que, por meio da comunicação visual, atua de maneira transformadora ao desenvolver aspectos que favorecem a socialização e a interação dessas crianças com o mundo ao seu redor.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Transtorno do Espectro Autista, se refere a uma gama de condições que possuem como característica algum grau de comprometimento no comportamento social, comunicação e linguagem, e por uma série estreita de vontades de atividades que são únicas para os indivíduos e realizadas de forma repetitiva. O TEA se inicia na infância e persiste na adolescência e também na idade adulta, sendo comum ser identificado nos primeiros anos de vida do indivíduo (OMS, 2022).

De acordo com o DSM-5 (Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – 5ª Edição) (2014) algumas características do autismo, podem ser percebidas ainda nos anos iniciais da infância; porém, por volta dos três anos de idade, período em que as crianças entram em idade escolar, elas tendem a demonstrar distúrbios também relacionados à linguagem que interferem no processo de comunicação, na interação e no comportamento social.

O TEA está associado a uma alteração neurobiológica que provoca déficits persistentes na comunicação e no contato social com demais pessoas, em múltiplos contextos, além da presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, podendo acontecer em níveis de severidade distintos (APA, 2014). O Autismo é uma subclassificação do

transtorno do neurodesenvolvimento, onde os sintomas são pouco perceptíveis e as crianças autistas aparentemente não apresentam nenhum sinal físico do transtorno, porém sua dificuldade está na relação interpessoal (SILVA, 2018).

Apesar dos relativos avanços na legislação, a carência ou a baixa incidência de pesquisas brasileiras e programas sociais voltado para portadores de TEA, faz com que mitos e crenças sejam alimentados pelo desconhecimento da população, dificultando a inclusão de crianças especiais no convívio social (SILVA, 2018).

No Brasil, há poucos registros de trabalho com terapia, sobretudo especializada em autismo (OLIVEIRA, 2016). Com o intuito de reduzir comportamentos repetitivos e aquisição de linguagem, propõe-se o incentivo à leitura como forma de promover o aprendizado e interação social (SILVA, 2018).

Incorporar a literatura infantil no contexto da educação e socialização inclusiva, especialmente para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), significa proporcionar experiências que estimulam a imaginação, as emoções e os sentimentos. Isso contribui para a construção de um discurso inclusivo, rompendo barreiras e preconceitos, além de favorecer o amadurecimento pessoal e o desenvolvimento das habilidades sociais dessas crianças.

O hábito da leitura é incentivado desde a infância, pois contribui para a formação do caráter, da personalidade e para o desenvolvimento intelectual. No entanto, para crianças com transtornos, cultivar esse hábito pode ser um desafio maior, já que algumas apresentam atrasos no desenvolvimento cognitivo, o que dificulta sua capacidade de compreensão. (SISTEMA INTERATIVO, 2023).

A ausência de comunicação verbal, por sua vez, afeta muitas crianças e adultos que convivem com o grau mais grave da síndrome. Nesse caso, a comunicação visual entra em cena e, por sua vez, possui contribuições mais significativas no processo de aprendizado e socialização. Por essa razão, é necessário investir na criação de livros com menos textos e mais imagens (SISTEMA INTERATIVO, 2023).

Segundo Oliveira, Santos e Botelho (2023), os livros infantis costumam atrair a atenção das crianças já no primeiro contato, especialmente pela capa. No entanto, muitos desses livros apresentam falhas tanto no aspecto ilustrativo quanto na linguagem utilizada. Esse problema é preocupante, considerando que

ilustrações e linguagem são elementos fundamentais na comunicação com o público infantil. São esses recursos que transmitem informações essenciais, como a caracterização dos personagens, a ambientação do enredo, as emoções e as personalidades presentes na narrativa, facilitando a compreensão e o envolvimento das crianças com a obra. Afinal elementos textuais ou visuais empregados de forma incorreta no material podem gerar estresse, dificuldades de compreensão e podem tornar a leitura uma atividade indesejada (Oliveira, Santos e Botelho 2023).

Coelho (2000), ressalta que a linguagem visual nos livros infantis possui um papel psicológico, pedagógico, estético e emocional importante. Ela facilita a conexão entre a criança e os acontecimentos narrados, desperta a atenção visual e estimula o desenvolvimento da percepção. Além disso, ajuda a tornar compreensíveis conceitos abstratos que, se apresentados apenas por meio do texto, poderiam ser de difícil assimilação para a criança.

Segundo Albino (2010), a literatura infantil suscita reflexões sobre seu receptor, nesse caso o público infantil. Com essa afirmação, percebe-se que o designer desempenha um papel fundamental na criação de livros infantis, pois é por meio de seu trabalho que a comunicação visual se concretiza, atuando como o principal mediador entre o conteúdo da obra e o público infantil. Através do design, o livro ganha forma, expressividade e capacidade de comunicar-se de maneira eficaz com as crianças.

A maneira como uma imagem é visualmente organizada influencia diretamente sua interpretação, já que elementos gráficos mal estruturados podem gerar ambiguidade ou dificultar a compreensão da mensagem, comprometendo o processo de aprendizagem. Diante disso, é essencial considerar o repertório, as experiências e as habilidades do público-alvo ao desenvolver artefatos desse tipo. Essa atenção ajuda a fortalecer a cultura visual, uma vez que livros ilustrados despertam mais facilmente o interesse das crianças e podem contribuir de forma significativa para o seu aprendizado (Freire & Coutinho, 2008).

A literatura infantil tem um papel de destaque na educação, socialização e desenvolvimento para todas as crianças, seja para o seu intelecto, para a construção do seu caráter ou sua personalidade. Para Coelho (2000, p.43), os livros para crianças são “[...] o meio ideal não só para auxiliá-las a desenvolver

suas potencialidades naturais, como também para auxiliá-las nas várias etapas de amadurecimento que medeiam entre a infância e a idade adulta”.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar os elementos estéticos e visuais presentes em livros infantis, transmitidos por meio do design editorial, identificando quais desses elementos devem ser priorizados no processo de criação de obras literárias que favoreçam, de forma mais eficaz, a sociabilização e inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

2.2 Objetivos Específicos

- ✓ Compreender as principais características do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e as abordagens mais eficazes para seu tratamento;
- ✓ Analisar as contribuições da biblioterapia como recurso terapêutico para crianças com TEA;
- ✓ Compreender a relevância dos recursos visuais e imagéticos no contexto do design editorial infantil;
- ✓ Analisar os principais elementos visuais e compositivos que orientam a criação e edição de livros ilustrados voltados ao público infantil;
- ✓ Discutir o papel do designer na concepção de projetos visuais centrados na infância e na experiência do leitor.

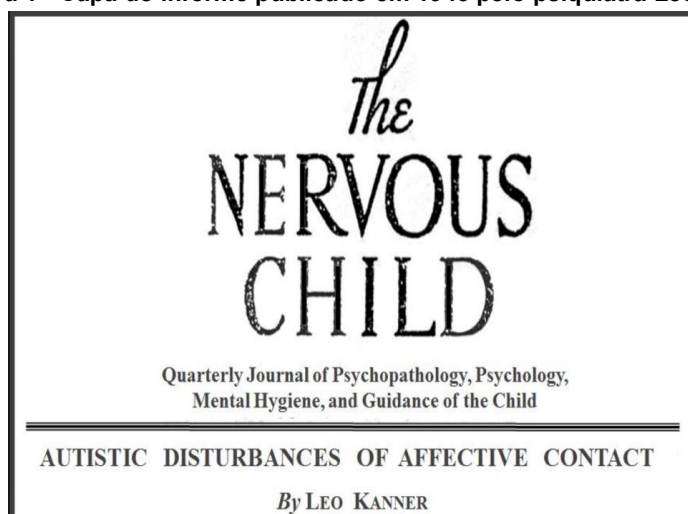
3. ENTENDENDO O AUTISMO

O termo autismo tem origem na palavra grega *autos*, que significa “por si mesmo”, e foi cunhado pelo psiquiatra Eugen Bleuler em 1911. Bleuler utilizou o termo para caracterizar indivíduos com grande dificuldade ou impossibilidade de comunicação, incapazes de distinguir plenamente a realidade e que apresentavam dificuldades em estabelecer relações interpessoais (GADIA; TUCHMAN; ROTTA, 2004).

Os primeiros registros científicos sobre o autismo foram publicados pelo psiquiatra austríaco Leo Kanner e por Hans Asperger, que, ao observarem o comportamento de crianças atendidas, identificaram inabilidades sociais e dificuldades significativas em estabelecer relações interpessoais de maneira considerada típica durante a infância (SILVA, 2018).

Na década de 1940, Leo Kanner (1894-1981), radicado nos Estados Unidos, aprofundou-se no estudo do comportamento de crianças que apresentavam atitudes incomuns e traços marcantes, como movimentos repetitivos (estereotípias) e grande dificuldade em formar vínculos sociais. Em 1943, publicou o artigo “Alterações autistas do contato afetivo” (figura 1), no qual descreveu casos de onze crianças com fortes características de distúrbios do desenvolvimento (ORRÚ, 2007).

Figura 1 - Capa do informe publicado em 1943 pelo psiquiatra Leo Kanner



Fonte: Site thetransmitter.org (2022)

Segundo Vargas (2011), diversos pesquisadores passaram a analisar crianças que apresentavam comportamentos considerados psicopatológicos,

elaborando teorias e interpretações sobre o que se consolidou como transtorno autista. Desde os estudos iniciais até as reformulações mais recentes, nota-se a existência de controvérsias e alterações significativas quanto à terminologia e à classificação diagnóstica do transtorno (SANTOS et al., 2020).

Por muitos anos, o autismo foi frequentemente confundido com a chamada “esquizofrenia infantil”. Somente nas décadas de 1970 e 1980, por meio de estudos conduzidos por pesquisadores como Christian Gauderer, o autismo passou a ser reconhecido como uma condição distinta. Gauderer destacou sintomas característicos, como atraso ou ausência de fala, dificuldades de compreensão, uso inadequado da linguagem, problemas no relacionamento social e reações exacerbadas a estímulos sensoriais (SANTOS et al., 2020).

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) classifica o Transtorno do Espectro Autista (TEA) como um transtorno do desenvolvimento neurológico, caracterizado por dificuldades de comunicação e interação social, bem como pela presença de comportamentos e interesses repetitivos e restritos. Esses sintomas compõem o núcleo do transtorno, cuja gravidade pode variar. O TEA é considerado uma condição pervasiva e permanente, sem cura, embora intervenções precoces possam melhorar o prognóstico e suavizar sintomas (SBP, 2019).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o TEA engloba uma gama de condições que apresentam graus variados de comprometimento no comportamento social, comunicação e linguagem, associados a um repertório restrito e repetitivo de atividades e interesses individuais. O transtorno manifesta-se na infância e persiste na adolescência e na vida adulta, sendo geralmente identificado nos primeiros cinco anos de vida (OMS, 2022).

Ainda que o TEA se manifeste nos primeiros anos de vida, seus sinais nem sempre são evidentes desde o nascimento. Em muitos casos, o diagnóstico ocorre apenas por volta dos quatro ou cinco anos de idade, o que é preocupante, visto que a intervenção precoce está diretamente relacionada a avanços significativos no desenvolvimento infantil. Pesquisadores apontam que intervenções intensivas e precoces podem até impedir a manifestação completa do quadro, aproveitando a elevada plasticidade cerebral característica dessa fase (SBP, 2019).

3.1 Diagnósticos e Sintomas

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) resulta de uma combinação de fatores genéticos e ambientais, envolvendo múltiplos genes com diferentes padrões de herança. Além disso, aspectos como idade avançada dos pais, negligência, uso de determinados medicamentos durante a gestação, parto prematuro e baixo peso ao nascer também exercem influência no desenvolvimento do transtorno (SBP, 2019).

A quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) trouxe mudanças significativas nos critérios diagnósticos do autismo, ampliando a identificação dos sintomas e enfatizando a observação do desenvolvimento da comunicação e interação social da criança. Essa atualização facilitou a compreensão dos sintomas tanto por profissionais quanto por familiares, reforçando a importância do diagnóstico precoce para a aplicação das melhores intervenções (NEUROSABER, 2020).

O diagnóstico do autismo é realizado clinicamente por profissionais qualificados, com base na observação direta da criança e na coleta de informações junto aos pais ou responsáveis. A participação dos cuidadores é essencial, especialmente ao relatarem comportamentos como baixo interesse em compartilhar objetos e dificuldade da criança em desviar a atenção de atividades de seu interesse (SILVA, 2020).

O diagnóstico tardio e, conseqüentemente, a demora na intervenção em crianças com TEA impactam negativamente o desenvolvimento geral. Segundo a SBP (2019), esse atraso está frequentemente associado a fatores como baixa renda familiar, etnia, falta de estímulos adequados, atenção insuficiente ao desenvolvimento infantil por parte de pais, profissionais de saúde, educadores e cuidadores, além de situações em que os sintomas se apresentam de forma mais sutil. A crença, ainda comum entre familiares e profissionais, de que “é preciso respeitar o tempo da criança”, mesmo diante de atrasos claros, também contribui para o atraso no diagnóstico precoce.

Em relação aos sintomas, Charman e Baird (2002) destacam que crianças com TEA frequentemente apresentam disfunções sensoriais atípicas, como hipersensibilidade a estímulos sonoros, visuais, táteis e gustativos. Essa hipersensibilidade, em especial aos sons, pode causar desconforto intenso,

dificultando a socialização e a permanência em ambientes barulhentos e movimentados (CUNHA et al., 2021).

De acordo com o Instituto Neurosaber (2020), entre os sintomas mais característicos do autismo estão os desafios persistentes na comunicação social, como a ausência de troca emocional e o uso inadequado de gestos e expressões nas interações. São igualmente comuns os comportamentos repetitivos e restritivos, padrões fixos de fala e interesses, apego exacerbado a rotinas, resistência a mudanças e respostas sensoriais amplificadas ou diminuídas. Tais sinais costumam se manifestar nos primeiros anos de vida, embora possam tornar-se mais evidentes com o passar do tempo.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (APA, 2013), a quinta edição substituiu os diferentes subtipos de transtornos listados no DSM-IV por uma classificação unificada, que identifica variações do TEA com base em diferentes níveis de gravidade. Essa mudança decorreu da compreensão científica de que uma mesma condição pode apresentar diferentes nuances em dois grupos principais de sintomas: déficits na comunicação e interação social e padrões de comportamentos, interesses e atividades restritivos e repetitivos (SANTOS et al., 2020).

Após a confirmação do diagnóstico de TEA, a gravidade pode ser classificada segundo as características e necessidades de cada criança. Essa classificação é dividida em três níveis (figura 2) : no nível 1 (leve), há dificuldades mínimas e a criança apresenta relativa autonomia; no nível 2 (moderado), há déficits mais significativos em determinadas habilidades; e no nível 3 (severo), a criança geralmente necessita de suporte intensivo para desempenhar suas atividades cotidianas (APA, 2013).

Figura 2 - O quadro com os níveis de suporte de acordo com o DSM-5-TR (2023)

Nível de gravidade	Comunicação social	Comportamentos repetitivos e restritivos
Nível 3	Déficits graves na comunicação verbal e não verbal com grave prejuízo no funcionamento; grandes limitações na interação social, com resposta mínima a situações sociais.	Inflexibilidade extrema no comportamento; dificuldade extrema em lidar com mudança de rotina; grande sofrimento para mudar o foco ou as ações; comportamentos repetitivos interferem no funcionamento.
Nível 2	Déficits graves na comunicação verbal e não verbal com prejuízos aparentes mesmo com apoio; limitações na interação social com respostas reduzidas às interações sociais.	Inflexibilidade no comportamento, evita mudança de rotina; comportamentos repetitivos aparecem com frequência ara serem óbvios ao observador casual.
Nível 1	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos sociais; dificuldades para iniciar interações sociais e podem apresentar interesse reduzido por interações sociais.	Inflexibilidade no comportamento causa interferência significativa, dificuldade em trocar de atividade.

Fonte: educacaomedica.afya.com.br (2024)

De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), as estimativas sobre a prevalência do autismo têm aumentado de forma expressiva nos últimos anos. A frequência de nascimentos de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta crescimento significativo, especialmente em países como os Estados Unidos. Segundo relatório publicado pelo Centers for Disease Control and Prevention (CDC) em 2024, a estimativa mais recente aponta que uma em cada 31 crianças de 8 anos foi identificada com TEA, representando aproximadamente 3,2% dessa população. Esse dado evidencia um crescimento contínuo desde os anos 2000, quando a prevalência era de uma em cada 150 crianças (CNN HEALTH, 2025).

Esse aumento ao longo do tempo é amplamente atribuído à ampliação dos critérios diagnósticos, à maior conscientização pública e aos avanços nos serviços de triagem e diagnóstico precoce, e não necessariamente a um aumento real na incidência do transtorno. Embora o diagnóstico e o acesso a intervenções ocorram com menor frequência em alguns grupos sociais, o TEA está presente em indivíduos de todas as etnias, raças e classes socioeconômicas. Apesar dos avanços científicos em relação à compreensão do autismo, ainda são necessárias investigações adicionais para que se estabeleçam conclusões mais concretas sobre o transtorno.

3.2 Formas de Tratamento

O início do tratamento do Transtorno do Espectro Autista (TEA) exige um processo de psicoeducação, que consiste em informar a família, os educadores, a própria criança e os profissionais envolvidos sobre o diagnóstico. Esse conhecimento pode ser transmitido por meio de livros, sites, cartilhas e artigos. Quanto mais bem informada estiver a família sobre o transtorno, maior tende a ser o engajamento da criança no tratamento (TEIXEIRA, 2016).

Para Bosa (2006), o planejamento do tratamento deve levar em conta o estágio de desenvolvimento do paciente. Em crianças pequenas, o foco principal deve ser a terapia da fala, o desenvolvimento da interação social e da linguagem, a educação especial e o apoio familiar. Para adolescentes, as prioridades incluem o aprimoramento das habilidades sociais, a terapia ocupacional e a orientação sobre sexualidade. Em adultos, o tratamento deve considerar questões relacionadas à moradia e à tutela legal.

O tratamento mais eficaz para o TEA é a intervenção precoce, que deve ser iniciada assim que surgirem os primeiros sinais ou logo após o diagnóstico realizado por uma equipe multidisciplinar. Essa abordagem reúne diferentes estratégias terapêuticas com o objetivo de estimular o desenvolvimento social e comunicativo da criança, preservar suas habilidades cognitivas, promover a autonomia e melhorar a qualidade de vida (SBP, 2019). Além de favorecer o desenvolvimento infantil, a intervenção precoce também reduz a sobrecarga emocional da família, ao esclarecer sobre o transtorno, apresentar estratégias de manejo e construir expectativas mais realistas.

Cada criança com TEA apresenta necessidades específicas, que variam de acordo com sua funcionalidade, a dinâmica familiar e os recursos disponíveis na comunidade. Por essa razão, é necessária uma avaliação terapêutica individualizada, que permita a elaboração de um plano de intervenção personalizado (SBP, 2019).

Entre as terapias com maior respaldo científico, destaca-se a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), considerada o padrão-ouro no tratamento do autismo. Essa abordagem utiliza princípios do comportamento para promover habilidades sociais, cognitivas e comunicativas, além de reduzir comportamentos desadaptativos. Modelos derivados, como o Early Intensive Behavioral Intervention (EIBI) e o Early Start Denver Model (ESDM), apresentam

resultados significativos quando aplicados com intensidade e regularidade (SBP, 2019).

A fonoaudiologia também desempenha papel essencial, especialmente para crianças com dificuldades na linguagem verbal e não verbal. Essa intervenção pode incluir métodos como o Picture Exchange Communication System (PECS), gestos ou tecnologia assistiva, conforme as necessidades específicas. Outra abordagem relevante é a terapia ocupacional, que auxilia no desenvolvimento da coordenação motora, da autonomia e da integração sensorial. Muitas crianças com TEA apresentam hipersensibilidades ou hipersensibilidades a estímulos táteis, visuais ou auditivos, e a terapia de integração sensorial contribui para a regulação dessas respostas (GENIAL CARE, 2024).

Terapias expressivas, como arteterapia, musicoterapia e equoterapia, também têm sido cada vez mais aplicadas, oferecendo benefícios emocionais, sociais e motores de maneira criativa e lúdica. Embora ainda estejam em processo de validação científica, diversas experiências clínicas apontam melhorias significativas na autoestima, na interação social e na comunicação de crianças com TEA (GODOI et al., 2024).

Entre as diversas formas de tratamento, a biblioterapia se destaca como recurso eficaz. De acordo com Orsini (1982, apud CALDIN, 2001), a biblioterapia pode ser utilizada para diagnóstico, tratamento e prevenção de problemas pessoais e emocionais. Essa técnica atua em diferentes dimensões — intelectual, social, emocional e comportamental — promovendo o autoconhecimento por meio da reflexão, fortalecendo padrões sociais positivos, favorecendo o desenvolvimento emocional por meio de experiências indiretas e facilitando mudanças de comportamento (SILVA, 2018).

O ambiente sociocultural e afetivo da criança com TEA deve ser enriquecido com experiências como atividades esportivas e sociais, já que essas situações oferecem uma variedade de estímulos supervisionados pelos pais previamente orientados sobre o transtorno (TEIXEIRA, 2016).

Organizações reconhecidas, como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Centers for Disease Control and Prevention (CDC), definem o TEA como uma condição permanente do desenvolvimento neurológico, e não como uma patologia passível de cura. Os avanços da neurociência e as intervenções

precoces têm demonstrado resultados positivos no desenvolvimento de crianças com TEA. Quanto mais precoce o diagnóstico, maiores são as chances de aproveitar a plasticidade cerebral e as chamadas “janelas de oportunidade”, períodos em que o cérebro apresenta maior receptividade ao aprendizado e aos estímulos (SBP, 2019).

4. OS LIVROS INFANTIS

4.1 A Biblioterapia para Crianças com Autismo

O termo biblioterapia, de origem grega, resulta da união de *biblion* (todo tipo de material bibliográfico ou de leitura) com *therapein* (tratamento ou cura) e refere-se à terapia por meio de livros, sendo assim conceituada por autores como Ouaknin (1996) e Komosinski, Zordan e Menegolla (2007).

No Brasil, há poucos registros de trabalhos relacionados a essa terapia, sobretudo voltados ao autismo (OLIVEIRA, 2016). Com o intuito de reduzir comportamentos repetitivos e estimular a aquisição de linguagem, propõe-se o incentivo à leitura como estratégia para promover o aprendizado e a interação social (SILVA, 2018).

Silva (2018) destaca que a leitura terapêutica é amplamente utilizada em clínicas e hospitais, atendendo leitores e não leitores de diferentes faixas etárias, com o objetivo de promover a recuperação psicoemocional. Trata-se de uma prática antiga, com registros históricos que comprovam sua utilização em diversos contextos. Ferreira (2003) acrescenta que a biblioterapia pode também ser empregada como técnica de aconselhamento, conduzida por profissionais como psicólogos, educadores, bibliotecários e assistentes sociais, que atuam em conjunto no processo terapêutico.

Albuquerque et al. (2012) ressaltam que, antes da escolha do material a ser utilizado, o biblioterapeuta deve compreender de forma aprofundada a situação do paciente. É fundamental que avalie previamente como o conteúdo pode influenciar o tratamento, considerando sempre os objetivos terapêuticos propostos, pois esses fatores são determinantes para a eficácia da intervenção.

Estudos descritos por Nunes e Walter (2016, p. 628) demonstram que o uso de recursos visuais, como imagens digitais, mapas e organizadores gráficos, aliado à mediação sistemática durante a leitura, favorece a compreensão leitora de alunos com autismo. Isso ocorre porque, devido às dificuldades de interação,

essas crianças apresentam limitações para imaginar cenários, personagens e situações de forma autônoma.

Ainda conforme Albuquerque et al. (2012), a biblioterapia é uma técnica terapêutica que estimula o autoconhecimento e a identificação com personagens, auxiliando o indivíduo a refletir, expressar sentimentos e lidar de maneira mais adequada com seus desafios emocionais. A leitura pode contribuir para a liberação de emoções reprimidas, acalmar sentimentos e aproximar a criança com deficiência do universo literário.

Além disso, a prática favorece uma interação mais intensa entre o estudante e o ambiente ao seu redor. Para alunos com deficiência ou necessidades educacionais especiais, a leitura contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e intelectual, estimula a imaginação e auxilia na desconstrução de estigmas e barreiras sociais relacionadas à deficiência (SILVA; FACHIN, 2002).

Silva (2018) aponta que, para apoiar de forma mais efetiva a aprendizagem da leitura e da escrita em alunos com TEA, recomenda-se o uso de recursos visuais como imagens, mapas e palavras escritas, que auxiliam na compreensão de conceitos abstratos. O interesse pela leitura varia conforme as habilidades cognitivas de cada criança e, considerando que o tempo de atenção tende a ser reduzido, é importante que a leitura seja dinâmica e bem estruturada. Souza (2016) também destaca a importância da escolha da linguagem nos textos, recomendando o uso de conteúdos concretos e evitando excessos de figuras de linguagem, uma vez que crianças com autismo geralmente apresentam dificuldade para compreender metáforas, sarcasmos e expressões ambíguas.

4.2 A importância do Hábito de leitura

A leitura é reconhecida por muitos como uma atividade prazerosa e pode ser utilizada como recurso terapêutico no tratamento de determinadas condições (SILVA, 2018). A introdução da literatura infantil no contexto da educação inclusiva, especialmente para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), proporciona experiências que estimulam a imaginação, as emoções e os sentimentos, além de contribuir para a construção de um discurso inclusivo e

para a superação de barreiras associadas a limitações (OLIVEIRA; SANTOS; BOTELHO, 2023).

Segundo Roque e Canedo (2015), a aproximação da criança com o universo da leitura deve ocorrer muito antes do processo formal de alfabetização. Essa etapa inicial é fundamental para despertar o interesse e a criatividade, podendo ser estimulada por meio de estratégias como a leitura compartilhada, o uso de livros ilustrados e a contação de histórias. Nessa perspectiva, tanto educadores quanto familiares desempenham papéis centrais na formação do vínculo da criança com os livros.

Silva (2018) ressalta que a família exerce papel primordial, pois é no ambiente familiar que a criança tem seu primeiro contato com a linguagem e com a leitura. O incentivo dos pais e responsáveis, desde os primeiros anos de vida, é essencial para criar uma relação positiva com os livros e desenvolver habilidades cognitivas e emocionais que contribuem para o aprendizado ao longo da infância.

O contato precoce com a leitura não apenas amplia o vocabulário e a compreensão do mundo, mas também fortalece laços afetivos, proporcionando um ambiente seguro e estimulante que desperta a curiosidade e incentiva a criança a explorar novas experiências por meio das histórias.

Para Nunes et al. (2012), o gosto pela leitura não é um dom inato, mas um hábito que se adquire com o tempo. A leitura estimula a imaginação, a capacidade de reflexão e de argumentação. Quando a criança desenvolve afinidade com os livros, tende a aprimorar com maior rapidez habilidades como criatividade, autoconfiança, pensamento crítico e compreensão do mundo ao seu redor. O hábito de ler contribui para uma conexão mais sólida entre ensino e aprendizagem, favorecendo o desenvolvimento integral da criança e resultando, no futuro, em leitores mais críticos, autônomos e confiantes em seu processo de aprendizado.

Dessa forma, o estímulo à leitura em crianças atípicas deve ser conduzido por profissionais que compreendam suas necessidades específicas, selecionando livros adequados que despertem o interesse e favoreçam o desenvolvimento cognitivo e emocional (SILVA, 2018).

4.3 A Literatura Infantil

A literatura infantil é um tema sempre atual na educação, pois serve como base para formar leitores desde cedo. Embora já existissem alguns manuscritos para crianças, a literatura infantil como a conhecemos surgiu a partir de mudanças sociais e de uma nova visão sobre a infância na Europa. Isso levou à criação de obras específicas para o público infantil. Porém, não se tratava de uma literatura totalmente original, mas sim de adaptações dos contos populares (RODRIGUES, et al., 2013).

A criação de livros infantis tem como propósito principal apresentar à criança, por meio da fantasia e da ficção, modelos para compreender o mundo e formar suas próprias ideias (CADEMARTORI, 1986). Além disso, ela permite que a criança acesse a herança cultural de forma adequada à sua idade, ampliando seu conhecimento e ajudando na formação da sua personalidade (RODRIGUES, et al., 2013).

A leitura proporciona a criança a descobrir o mundo através da fantasia, lúdico, mágico e sonho, enriquecendo sua imaginação e despertando-lhe a liberdade de pensamento e a criatividade. Assim, a criança estabelece uma relação de harmonia entre fantasia e realidade, facilitando a compreensão das coisas do mundo adulto e a resolução de conflitos internos.

De acordo com FRANTZ (2001, p.16),

“A literatura infantil é também ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar respostas para as inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas”.

Charles Perrault, francês e considerado o pai da literatura infantil, foi pioneiro na adaptação de contos populares. No século XVII, ele reuniu histórias e lendas medievais, adaptando-as para incluir valores da classe burguesa, criando assim os famosos contos de fadas. Antes, a criança era vista como um adulto em miniatura, sem necessidades específicas de aprendizado. Com o fortalecimento da burguesia, essa visão mudou, passando a reconhecer a criança como um ser distinto, que precisava de uma educação especial para a vida adulta. Perrault tornou essas narrativas acessíveis ao público infantil, incorporando valores compatíveis com a classe burguesa (CADEMARTORI, 1986).

Segundo Coelho (1998), no princípio, o trabalho de adaptação, por Perrault, não foi pensado com intenções de criar uma literatura destinada à criança e sim passar através dos contos valores morais. A origem da literatura infantil também está ligada aos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm (figura 3), que, no século XIX, realizaram uma coleta de contos, na Alemanha, e transformaram em literatura infantil.

Figura 3 - Retrato dos Irmãos Grimm



Fonte: Site AngelinaWittmann.blogspot.com (2013)

Entre os mais conhecidos dos contos de Grimm, que circulam em tradução portuguesa, estão: A bela adormecida, Os músicos de Bremen, Os sete anões e a branca de neve, O chapeuzinho vermelho, A gata borralheira (COELHO, 1998, p. 74).

Outros nomes de grande importância na origem da literatura infantil são: o dinamarquês Hans Christian Andersen (O patinho feio, O soldadinho de chumbo); o italiano Collodi (Pinóquio); o inglês Lewis Carroll (Alice no país das maravilhas), o americano Frank Baum (O mágico de Oz), o escocês James Barrie (Peter Pan) (CADEMARTORI, 1986).

4.4 A Literatura no Brasil

No Brasil, a literatura infantil chegou mais tarde, inicialmente por meio de adaptações de textos europeus realizados por Carl Jansen (1823-1889) e Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914). Este último foi um dos primeiros autores

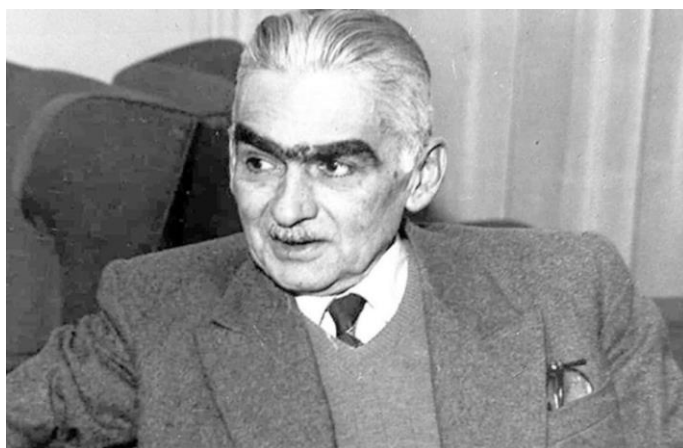
brasileiros a adaptar obras para o público infantil (RODRIGUES et al., 2013). A convite da livraria Quaresma, ambos participaram da adaptação de clássicos como os contos dos irmãos Grimm e as traduções das histórias de Charles Perrault (MENEGAZZI; DEBUS, 2018).

Segundo Zilberman (2005) os primeiros livros escritos para crianças foram adaptações da Literatura Europeia, ou melhor, dos contos de fadas (Branca de Neve, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho) que foram adaptados para que as crianças pudessem ler, pois até então, somente adultos tinham acesso a livros.

Porém, a visão sobre o papel da literatura era bastante conservadora, predominando uma abordagem moralista ou pedagógica nos textos. Esse uso da literatura apenas como ferramenta para fins educativos preocupa, pois desvaloriza seu valor intrínseco enquanto forma de expressão e arte (ZILBERMAN, p. 51, 2005).

De acordo com Frantz (2011), a história da literatura infantil brasileira tem início com Monteiro Lobato (Figura 4), considerado o primeiro autor a criar obras de qualidade literária voltadas para as crianças do país. Escritor e editor, Monteiro Lobato (1882-1948) é tão importante que o Dia Nacional do Livro Infantil é celebrado em 18 de abril, data de seu nascimento.

Figura 4 - Retrato de Monteiro Lobato



Fonte: Site guiadacarreira.com.br (2023)

Lobato, por não apreciar as traduções de livros europeus e por seu forte nacionalismo, criou aventuras infantis com elementos típicos do Brasil,

incorporando costumes rurais e lendas do folclore nacional. *O Sítio do Picapau Amarelo* (Figura 5) é um exemplo claro, pois retrata vividamente a vida no campo e a cultura brasileira (RODRIGUES, et al., 2013).

De acordo com Cademartori (1986), as obras infantis de Monteiro Lobato apresentam uma visão à frente de seu tempo, rompendo com os preconceitos históricos e afastando-se do moralismo comum nas produções infantis da época, como a moral oficial, os preceitos religiosos e as normas impostas pelo estado. Como no caso do livro de sua autoria, “O Pica Pau Amarelo” (figura 5), Lobato inovou ao tratar a criança como um sujeito pensante, curioso e crítico.

Ele rompe com a ideia de que a literatura infantil deveria apenas instruir ou corrigir comportamentos. Em vez disso, suas histórias valorizam a imaginação, o questionamento e o pensamento livre, muitas vezes abordando temas sociais, científicos e culturais por meio de personagens cativantes e diálogos vivos.

Assim, Lobato contribuiu para a valorização da literatura infantil como forma de expressão artística e cultural, e não apenas como um meio de doutrinação moral. Sua obra pavimentou o caminho para uma literatura mais rica, crítica e libertadora voltada à infância.

Figura 5 - Livro O Picapau Amarelo de Monteiro Lobato, 1ª Edição 1939



Fonte: Site veranunesleilões.com (2016)

Segundo Abreu (2005), Monteiro Lobato não apenas escreveu para crianças, ele criou um universo voltado inteiramente a elas, inspirado em suas

fantasias, brincadeiras, jogos e aventuras. A infância foi sua maior fonte de inspiração.

Após sua contribuição, como destaca Rodrigues et al. (2013), a literatura infantil ganhou relevância acadêmica, tornando-se tema de estudos. Nesse mesmo período, surgiram os quadrinhos como uma nova forma de produção gráfica voltada ao público infantil.

4.5 A Estética dos Primeiros Livros Infantis

A estética dos primeiros livros infantis, especialmente entre os séculos XVII e XIX, refletia uma concepção da infância ligada à formação moral e religiosa. Visualmente, esses livros apresentavam um design austero, com ilustrações em preto e branco, tipografia densa e pouca preocupação com a atratividade para o público infantil. Segundo Lerer (2008), a infância era vista como um estágio de preparação para a vida adulta, e os livros funcionavam como ferramentas de disciplina e instrução. De forma semelhante, Salisbury e Styles (2012) destacam que o design desses livros priorizava a clareza moral em detrimento do apelo visual, o que se evidenciava na escassez de cores, nas composições rígidas e na predominância de textos longos, muitas vezes sem imagens.

Entre os séculos XVII e XIX, a literatura infantil ocidental foi marcada por um projeto pedagógico fortemente moralizante, o que se refletia diretamente nos elementos de design presentes nos livros da época. A infância era vista como uma fase de formação ética e religiosa, e não como um momento de fantasia ou lazer. Como observa Lerer (2008), os primeiros livros infantis surgiram com a intenção de moldar o comportamento das crianças, e por isso apresentavam uma estética sóbria, com pouquíssimos recursos visuais voltados ao encantamento.

Do ponto de vista gráfico, os livros geralmente contavam com gravuras em madeira ou cobre, em preto e branco, aplicadas de forma padronizada e com baixo grau de detalhamento. A tipografia era semelhante à utilizada em livros para adultos: blocos de texto corridos, com espaçamento reduzido e fontes serifadas. Para Salisbury e Styles (2012), esse tipo de composição refletia mais os objetivos instrutivos do que uma preocupação com a experiência estética da criança. O design editorial seguia padrões rígidos, com pouco espaço para o lúdico.

No contexto brasileiro, Coelho (2000) destaca que o processo foi semelhante, com predominância de livros traduzidos ou adaptados de autores europeus, reforçando valores morais e religiosos. As ilustrações ainda eram escassas, e a diagramação mantinha o padrão visual utilitário. Apenas a partir do final do século XIX e início do século XX, com a expansão da indústria editorial e o avanço das técnicas de impressão, é que os livros infantis começaram a apresentar maior apelo visual, incorporando cores, composições mais equilibradas e histórias voltadas à imaginação e ao prazer da leitura.

No Brasil, o desenho sempre desempenhou um papel importante na formação visual e técnica, especialmente a partir da Proclamação da República. De acordo com Ana Mae Barbosa (2015), mesmo antes da formalização do termo “design” como categoria profissional e conceitual, já existiam práticas e discursos que evidenciam uma preocupação com a organização visual, a funcionalidade e o aspecto comunicacional dos objetos e das imagens. Contudo, foi apenas em 1963, com a fundação da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), no Rio de Janeiro, que se estabeleceu uma ruptura significativa com o paradigma anterior. Como destaca Cardoso (2005, p.7), essa instituição marcou o reconhecimento formal do design como uma profissão autônoma, com fundamentos teóricos próprios e alinhada a uma ideologia moderna de projeto, inovação e desenvolvimento industrial.

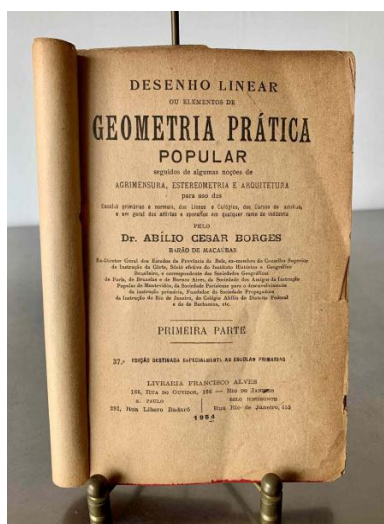
Segundo Cardoso (2005), a criação da ESDI marcou não apenas o nascimento institucional do design como profissão no Brasil, mas também representou uma mudança simbólica significativa, que rompeu com a visão tradicional do desenho como prática técnica ou artística isolada.

Entre 1880 e 1920, período conhecido como virada industrial, o ensino artístico nas escolas públicas era centrado no ensino do desenho. Esse ensino tinha como objetivos não apenas promover a alfabetização formal da população, mas também desenvolver habilidades relacionadas às atividades industriais. Ao mesmo tempo, os livros infantis publicados e distribuídos naquela época tinham um propósito pedagógico, servindo para educar as crianças. Assim, o desenho, tanto como técnica quanto como forma de representação, funcionava como um ponto de ligação entre o design editorial dos livros e o ensino da arte durante esse período, que também é chamado de “Virada da Alfabetização” (ALMEIDA; CAMPOS, 2019).

No que diz respeito ao ensino de arte e desenho, Barbosa (2015) aponta que, naquela época, duas correntes ideológicas se destacavam: o Positivismo e o Liberalismo — este com o propósito de formar indivíduos para a vida em sociedade. Foi nesse cenário que surgiu uma das principais influências para o ensino da arte: o modelo pedagógico de Walter Smith. Para ele, todos podiam aprender a desenhar a partir da prática do desenho geométrico, que deveria estar conectado ao desenvolvimento da indústria (ALMEIDA; CAMPOS, 2019).

A proposta de popularizar o ensino do desenho voltado para a indústria era a base da abordagem defendida pelo inglês Walter Smith, que se destacou como organizador do ensino da arte em Massachusetts (EUA). Inspirado nas ideias de Smith, o educador Abílio César Pereira Borges lançou, em 1878, a primeira edição de sua obra *Desenho linear de elementos de Geometria Prática Popular: seguido de Lições de Agrimensura, Stereometria e Architectura* (figura 6). Nessa obra, ele propunha uma espécie de "alfabeto" do desenho, fundamentado em linhas, retas, ângulos e planos, além de incluir ornamentos e elementos da arquitetura — uma proposta claramente influenciada pelo pensamento de Walter Smith (ALMEIDA; CAMPOS, 2019).

Figura 6 - Capa do Livro Desenho Linear ou Elementos de Geometria Prática Popular (1ª Parte)



Fonte: Site mouraazevedoleiloes.lel.br (2024)

De acordo com Almeida e Campos (2019), enquanto as crianças eram levadas a aprender, por meio da repetição, as regras do desenho geométrico, elas também tinham contato com uma grande variedade de imagens e

referências visuais presentes em jornais, revistas, cartilhas, livros didáticos e obras literárias que circulavam nas escolas.

Segundo Arroyo (2011), esses livros, tanto os didáticos quanto os literários, traziam conteúdos que se misturavam, sem uma separação clara entre o que era voltado para o aprendizado e o que servia para entreter. Essa distinção só começou a ficar mais evidente a partir das primeiras décadas do século XX, especialmente com a produção literária de Monteiro Lobato.

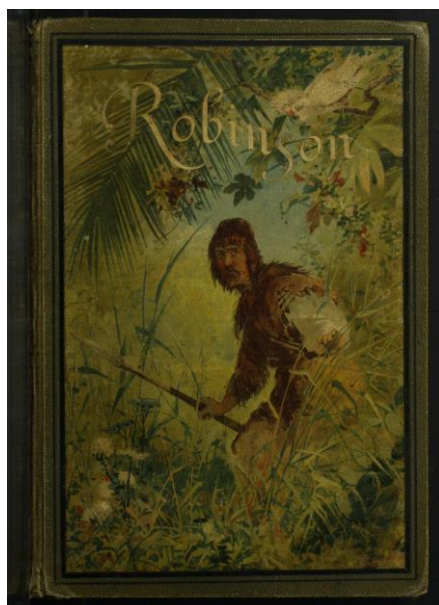
No final do século XIX, inauguram-se as primeiras linhas editoriais brasileiras de textos para crianças (ZILBERMAN, 2005), com projetos de editoras e livrarias como as estrangeiras Garnier (1834) e Laemmert (1838), e a brasileira Quaresma (1879), já em funcionamento no Rio de Janeiro, então capital é um dos maiores centros de efervescência da imprensa no país.

Nesse período, antes mesmo da atuação de Monteiro Lobato, destacam-se escritores e escritoras que foram pioneiros no cenário editorial brasileiro durante a transição para a era industrial. Entre eles estão Carl Jansen (1829–1889), mais tarde conhecido como Carlos, Figueiredo Pimentel (1869–1914), Olavo Bilac (1865–1918), Júlia Lopes de Almeida (1862–1934), Adelina Vieira (1850–1923) e Presciliana Duarte de Almeida (1867–1944). Também se sobressaem ilustradores como Julião Machado (1863–1930) e J. Carlos (1884–1950) (ALMEIDA; CAMPOS, 2019).

Carlos Jansen é reconhecido como um dos pioneiros da literatura infantil e juvenil no Brasil, não apenas por traduzir e adaptar clássicos para o português, mas também por sua consciência do papel formativo da literatura e seu compromisso com a educação (ARROYO, 2011). Unindo as funções de educador e escritor, suas obras combinavam elementos ficcionais e visuais com objetivos pedagógicos, buscando incentivar a leitura entre crianças e jovens (ALMEIDA; CAMPOS, 2019).

Um exemplo disso é sua edição de *Robinson Crusoe*, publicada em 1884 pela Laemmert (Figura 7). A segunda edição do livro tem 147 páginas e inclui 38 ilustrações em preto e branco e seis coloridas, provavelmente feitas por cromolitografia.

Figura 7 - Capa do livro Robinson Crusoé, edição de Carlos Jansen 1884



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

Segundo Almeida e Campos (2019), a capa colorida do livro de Carlos Jansen é um exemplo histórico relevante, pois contradiz a ideia, ainda comum, de que Monteiro Lobato foi o primeiro a usar capas ilustradas em livros no Brasil. Já no século XIX, obras com esse tipo de acabamento gráfico circulavam no país. O mérito de Lobato foi incorporar essas capas a um modelo comercial em larga escala, com qualidade e apelo visual. Ainda que seu papel como modernizador do mercado editorial seja inegável, é equivocado atribuir essa transformação apenas a ele, desconsiderando o trabalho de outras editoras da época (CARDOSO, 2005).

Almeida e Campos (2019) ressaltam a importância do estilo dos desenhos presentes no livro (figura 8), especialmente pela forma como Robinson Crusoé é retratado em meio à natureza, com traços bem definidos e cores sóbrias — predominantemente em preto e branco. Apesar da forte presença do Romantismo na literatura da época, os desenhos revelam uma clara influência neoclássica, marcada por simplicidade, equilíbrio e uso de perspectiva. O ilustrador W. Hoffmann, cuja origem é desconhecida, conferiu às figuras um aspecto europeizado, distante da realidade brasileira.

Figura 8 - Compilado de imagens dos desenhos do miolo de Robinson Crusoé, edição Carlos Jansen (1884)



a) A personagem Robinson Crusoé na sua chegada à ilha após o naufrágio

b) Encontro entre Robinson e o indígena Sexta-feira

Fonte: Artigo Design Gráfico de Livros para Infância e Modos de Ver o Desenho na Virada Industrial Brasileira (ALMEIDA, CAMPOS, 2019, p.121).

Diante dos exemplos apresentados, fica evidente que a literatura infantil e juvenil no Brasil já demonstrava, ainda no século XIX, um cuidado estético e pedagógico que antecede a atuação de Monteiro Lobato. Autores como Carlos Jansen e ilustradores como W. Hoffmann contribuíram significativamente para a formação de leitores, unindo linguagem visual e textual com propósitos educativos. Reconhecer essas contribuições é essencial para compreender a diversidade e a riqueza do processo de consolidação do livro ilustrado no país, valorizando o papel de outros agentes que também modernizaram o campo editorial brasileiro.

5. DESIGN EDITORIAL

5.1 O Livro Ilustrado

O livro ilustrado é hoje um dos formatos mais relevantes da literatura infantil, justamente por explorar de forma integrada a relação entre texto, imagem e o suporte físico da obra na construção da narrativa (LINDEN, 2011; NIKOLAJEVA & SCOTT, 2011; SALISBURY & STYLES, 2013). A qualidade desse tipo de livro também está diretamente ligada ao seu projeto gráfico, já que o design desempenha um papel fundamental na forma como o conteúdo é apresentado e percebido (MENEGAZZI; DEBUS, 2018).

A ilustração em livros infantis deve ser atrativa e significativa, pois as imagens têm o papel de ampliar o sentido do texto e comunicar aspectos que as palavras sozinhas não conseguem expressar (HALL, 2012). Para crianças, especialmente aquelas que ainda não leem, as imagens são fundamentais para acessar e compreender os possíveis significados da história (NIKOLAJEVA & SCOTT, 2011).

No entanto, é importante considerar que as escolhas feitas durante a produção visual influenciam diretamente na forma como o leitor interpreta a obra (PERES & CAMPELLO, 2013). Como destaca Lins (2003), não há uma técnica única a ser seguida: qualquer estilo é válido, desde que tenha base conceitual e possa ser reproduzido com qualidade.

O design do livro é o primeiro ponto de contato da criança com a narrativa (NECYK, 2007), pois abrange desde a capa até aspectos como legibilidade e facilidade de manuseio. No caso dos livros ilustrados voltados à infância, é essencial considerar que eles exigem um projeto gráfico pensado para um modo de leitura específico. Projetar livros para esse público é mais do que organizar elementos visuais — trata-se de traduzir a linguagem literária em forma material, tornando-a acessível e envolvente para o leitor infantil (MENEGAZZI; DEBUS, 2018).

Uma das grandes qualidades do livro infantil ilustrado é possibilitar que, mesmo muito pequenas, as crianças possam ler tanto por meio das palavras quanto das imagens, construindo diferentes interpretações a partir da mesma história (NIKOLAJEVA & SCOTT, 2011). Isso se revela claramente quando elas pedem para ouvir ou ler a mesma narrativa repetidas vezes. Como explicam os autores, "na verdade, elas não leem o mesmo livro; elas penetram cada vez mais fundo em seu significado" (NIKOLAJEVA & SCOTT, 2011, p. 15).

Essa característica torna o livro ilustrado uma ferramenta riquíssima no processo de formação de leitores, especialmente na infância. Ao permitir múltiplas camadas de leitura — seja textual, visual ou a combinação das duas —, esse tipo de obra estimula não apenas a imaginação, mas também a interpretação crítica desde cedo. As imagens não funcionam apenas como complemento do texto; muitas vezes, elas contam partes da história que não estão escritas ou até mesmo propõem leituras alternativas, criando uma relação dinâmica entre texto e imagem.

Quando uma criança pede para ouvir a mesma história repetidas vezes, isso vai muito além da simples repetição. Cada nova leitura é uma oportunidade de mergulhar mais fundo na narrativa, percebendo novos detalhes — seja no texto, nas imagens ou na relação entre ambos. Esse processo amplia sua atenção, estimula a sensibilidade estética e fortalece a capacidade de interpretar e fazer conexões, aspectos essenciais para o desenvolvimento da leitura e do pensamento.

O livro ilustrado, por sua vez, acompanha o modo como a criança se relaciona com o mundo: de forma sensível, visual e afetiva. Ele desperta a curiosidade, incentiva a observação e convida à escuta, tornando-se não apenas uma ferramenta de aprendizado, mas também uma fonte de prazer, afeto e descobertas.

Desta forma, a experiência de leitura não é apenas recurso de lazer, mas formadora de experiências que podem agir na educação e informação, na própria percepção do mundo para a criança. Portanto, o projeto gráfico do livro também é uma das principais formas pelas quais o leitor terá contato com a narrativa e, a partir das condições gráficas, terá maior proximidade e interação com a história (MENEGAZZI, DEBUS, 2018).

5.2 O Design dos Livros

Flusser (2010) aponta que, na contemporaneidade, arte e técnica se encontram no campo do design, abrindo caminho para uma nova cultura. A ilustração se insere nesse cruzamento, unindo literatura e artes visuais em projetos pensados para a produção em série, especialmente voltados ao público infantil, embora também alcancem outras faixas etárias.

Segundo Ramos (2011), a inovação no design de livros infantis pode estar tanto no layout das páginas e na construção da narrativa quanto na materialidade da obra — como cortes, acabamentos e tipos de papel. Já Cardoso (2013), acredita que o design está ligado à forma, entendida em três dimensões interdependentes: aparência (o que se vê), configuração (como as partes se organizam) e estrutura (a base que sustenta o todo). Pensar o design dessa forma permite discutir melhor como ele pode atender ao propósito do livro.

Esse entendimento mais amplo do design, como propõe Cardoso (2013), permite enxergar o livro infantil ilustrado não apenas como um objeto

visualmente agradável, mas como uma construção complexa, onde cada escolha — da tipografia à encadernação — comunica e colabora com o conteúdo. A forma, nesse sentido, não é apenas estética; ela está diretamente ligada à função e à experiência do leitor.

Segundo Frantz (2011), existem algumas características nos livros infantis que precisam ser evitadas para que a leitura não se torne desagradável para as crianças. São elas:

a) Didatismo e pedagogismo: a leitura tem sido utilizada apenas como fins didático-pedagógicos;

b) Moralismo: os livros infantis estão repletos de histórias que almejam unicamente a transmissão de normas de comportamento que levem a criança a ser da maneira como os adultos desejam;

c) Adultocentrismo e paternalismo: o mundo adulto com todos os seus preconceitos e valores sobrepõem-se aos valores do mundo infantil, sufocando-os;

d) Visão fechada de mundo: alguns autores apresentam a seus leitores infantis um mundo pronto, acabado, de valores absolutos e inquestionáveis;

e) Infantilismo: há textos que parecem se destinar a um leitor que só entende a linguagem do “inho” e da “inha”, subestimando a criança, entendendo o ser infantil como um ser menor, inferior, ao qual se deve oferecer uma literatura igualmente inferior e de menor qualidade (FRANTZ, 2011).

5.3 A Importância dos Recursos Visuais

A maioria das crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista) tende a aprender melhor por meio de estímulos visuais, e esses recursos ampliam significativamente sua capacidade de compreender e interagir com o ambiente (NEUROSABER, 2021). Ferramentas visuais, como imagens, pictogramas e esquemas, ajudam a tornar as rotinas mais previsíveis e acessíveis, facilitando a participação nas atividades do dia a dia. Além disso, esses suportes melhoram a comunicação entre a criança e seus responsáveis, promovendo mais autonomia e segurança nas interações.

Os recursos visuais ajudam pessoas com autismo a entender com mais clareza o que está sendo comunicado, sem depender exclusivamente da linguagem falada, que muitas vezes é rápida e difícil de acompanhar. Como

tendem a interpretar o mundo de forma mais literal, conceitos abstratos podem ser especialmente desafiadores. Nessas situações, os suportes visuais tornam esses conceitos mais concretos e acessíveis, facilitando a compreensão e a aprendizagem (NEUROCONNECTA, 2023).

Desde a infância, a leitura desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do intelecto, da personalidade e do caráter. Como recurso visual, ela estimula o hábito de ler e contribui para a construção de relações pessoais mais ricas ao longo da vida. Além disso, a leitura promove a inclusão, ao possibilitar que pessoas de diferentes origens, condições e contextos aprendam e interajam de forma diversa e respeitosa dentro de uma mesma comunidade (MENDES, 2015).

Em casos de crianças com transtornos, esse hábito da leitura torna-se um aspecto mais difícil para se praticar, pois algumas crianças podem apresentar atrasos no desenvolvimento mental, enquanto outras podem ser consideradas superdotados em alguma área de conhecimento. A ausência de comunicação verbal, por sua vez, afeta muitas crianças e adultos que convivem com o grau mais grave do transtorno, onde muitos são considerados autistas não-verbais (SISTEMA INTERATIVO, 2023).

A comunicação visual torna-se uma aliada poderosa no processo de aprendizagem, especialmente para crianças que enfrentam desafios na linguagem verbal, como aquelas com TEA. Elementos como imagens claras, cores vibrantes, personagens expressivos e narrativas curtas facilitam a compreensão e despertam o interesse, criando uma ponte entre o conteúdo e a experiência da criança.

Livros com esse perfil, com pouco texto, muitos recursos visuais e linguagem direta favorecem não só o entendimento da história, mas também o desenvolvimento de habilidades sociais. Isso ocorre porque, ao se identificar com os personagens ou situações, a criança é incentivada a expressar sentimentos, reconhecer emoções e compreender o outro, o que fortalece sua capacidade de socialização.

Portanto, investir em produções visuais acessíveis e bem planejadas é uma forma eficaz de promover a inclusão e tornar a leitura uma experiência prazerosa, significativa e integradora para todas as crianças.

5.4 O poder Imagético nos Livros Infantis

O poder imagético dos livros infantis está na capacidade que as imagens têm de comunicar, emocionar e ensinar, muitas vezes antes mesmo das palavras. Para as crianças, especialmente as que ainda não dominam a leitura verbal, as ilustrações funcionam como porta de entrada para o universo narrativo. Elas auxiliam na construção de sentido, despertam a curiosidade, facilitam a compreensão e estimulam a imaginação (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011).

Nos livros infantis, a imagem não é apenas um enfeite — ela também narra. Ilustrações podem reforçar, expandir ou até contrariar o texto escrito, enriquecendo a leitura com múltiplas camadas de significados (SALISBURY; STYLES, 2013). Esse diálogo entre texto e imagem desafia o leitor a interpretar de forma ativa, promovendo uma leitura mais profunda e sensível.

No universo infantil, as imagens desempenham um papel fundamental na comunicação. Como as crianças ainda estão desenvolvendo seu vocabulário, elas compreendem e se expressam com mais facilidade por meio de elementos visuais, apontando objetos, gesticulando ou desenhando. Por isso, no processo educativo, conteúdos ilustrados com imagens, fotografias, vídeos e outros recursos visuais tendem a ser mais atrativos e de fácil assimilação. Diante disso, é essencial considerar o tipo de imagem e sua aplicação conforme o contexto em que será utilizada (AGUIAR, FREIRE & COUTINHO, 2019).

De acordo com Munari (2006), conhecer as imagens que circundam as pessoas, significa também alargar as possibilidades de contato com a realidade, significa ver mais e perceber mais. O uso de imagens tem um papel primordial no processo pedagógico. Por meio delas, os estudantes começam a aprender as primeiras palavras.

Dessa forma, é fundamental considerar o contexto em que a imagem está inserida para garantir que sua mensagem seja clara e eficaz. Quando apresentada isoladamente ou sem elementos que a complementam, uma imagem pode se tornar confusa ou ambígua, como no caso de uma fivela mostrada sem o cinto, dificultando sua identificação.

Além disso, ilustrações com muitos detalhes gráficos podem gerar múltiplas interpretações, dependendo da intenção do autor e da forma como são apresentadas. A configuração visual da imagem influencia diretamente sua

leitura e compreensão, e, se mal elaborada, pode comprometer o aprendizado. O crescimento intelectual da criança depende de estímulos. Quanto mais a capacidade de articulação de ideias for desenvolvida, mais hábil o estudante será em sua consciência crítica, paralelamente ao seu processo de aprendizagem e de criação (AGUIAR, FREIRE & COUTINHO, 2019).

Assim, fica evidente que as imagens exercem um papel fundamental na compreensão de palavras concretas, especialmente aquelas que evocam representações visuais claras e fáceis de imaginar. Quando o entendimento depende do conhecimento prévio sobre a forma, a função ou as características específicas de um objeto, os recursos visuais tornam-se aliados poderosos na construção de significado.

A compreensão das imagens é então aumentada, quando surgem efeitos que podem se atribuir a processos verbais, incluindo relações associativas entre palavras e outras associações verbais e visuais (LENCASTRE, 2003).

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) destaca pontos importantes em relação aos aspectos gráficos dos livros, especialmente no que diz respeito às ilustrações. Segundo o órgão, as imagens devem estar bem integradas ao layout das páginas e contribuir para o enriquecimento das atividades propostas nos textos. Além disso, é essencial que evitem a reprodução de estereótipos, preconceitos ou qualquer forma de propaganda (Secretaria de Educação Básica, 2006).

Ao desenvolver materiais educativos voltados para o público infantil, é fundamental considerar as especificidades dessa faixa etária. Crianças possuem formas particulares de perceber, compreender e interagir com o mundo, e essas características devem ser respeitadas e incorporadas ao planejamento do conteúdo. Isso inclui linguagem acessível, estímulos visuais adequados, atividades lúdicas e elementos que favoreçam a curiosidade, a imaginação e a construção gradual do conhecimento.

Por isso, é fundamental considerar o repertório, as experiências e as habilidades da criança ao criar materiais educativos. Livros ilustrados, ao estimular a cultura visual, despertam maior interesse e contribuem de forma eficaz para o aprendizado (FREIRE & COUTINHO, 2008).

6. ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO VISUAL

Ao criar um livro infantil, é essencial considerar diversos elementos estéticos do design que influenciam diretamente a forma como as crianças percebem, interagem e compreendem a obra. Para Haslam (2007, p.6) o livro registra o conhecimento, as ideias e as crenças dos povos, e está intimamente ligado à história da humanidade. Ao longo da história o modo de registrar a informação evoluiu das cópias manuais para as impressas.

Além do conteúdo em si, o livro é formado por diferentes partes que, apesar de variarem conforme a obra, geralmente seguem uma estrutura padrão (ZIMMERMANN, 2019). Os elementos internos incluem todas as páginas com textos e imagens e costumam ser divididos em três seções principais:

- Parte pré-textual: inclui elementos como folha de rosto, dedicatória, sumário e apresentação. Essas seções ajudam a contextualizar o leitor e a organizar o conteúdo da obra.
- Parte textual: é o núcleo do livro, onde o conteúdo principal é desenvolvido — seja uma narrativa, um conteúdo informativo ou pedagógico. Nessa parte, a organização pode variar, sendo dividida em capítulos, cenas ou sessões, de acordo com o tipo de livro.
- Parte pós-textual: traz elementos complementares que aparecem após o texto principal, como glossários, referências, anexos, notas do autor ou atividades interativas, no caso de livros infantis por exemplo (ZIMMERMANN, 2019).

Para livros infantis, essa estrutura se adapta a uma linguagem visual mais intensa: muitas vezes, a pré e a pós-textual ganham ilustrações e design que criam uma experiência contínua de leitura e exploração. A organização visual dessas partes — com uso de cores, tipografia acessível, ilustrações e paginação clara — é essencial para facilitar a navegação e o entendimento do pequeno leitor. Tudo isso reforça a importância do design gráfico e editorial como parte do processo de mediação da leitura e do aprendizado (EDOC BRASIL, 2023).

No campo do design, a edição de um livro é vista como um processo complexo e essencial, em que cada etapa — do planejamento à finalização — possui características e exigências próprias. No entanto, este estudo concentra-se especificamente na colaboração entre o design e a literatura, analisando

como essas duas áreas se cruzam e se complementam na produção de livros infantis. O objetivo é destacar as interseções que podem oferecer suporte criativo e técnico aos autores, ilustradores e editores que desejam aperfeiçoar suas produções literárias voltadas à infância. Essa abordagem transversal permite compreender como o projeto gráfico vai além da função estética: ele atua como um mediador entre o texto e o leitor, especialmente quando se trata do público infantil, cujas necessidades sensoriais, cognitivas e emocionais exigem atenção especial (MENEGAZZI & DEBUS, 2018).

Elementos como paleta de cores, tipografia, composição visual, ritmo das páginas e integração entre texto e imagem são fundamentais para criar experiências de leitura ricas, acessíveis e emocionalmente significativas (NIKOLAJEVA & SCOTT, 2011). O design, portanto, desempenha papel essencial na criação de livros que não apenas entretêm, mas também educam e encantam, promovendo uma interação profunda entre criança e livro.

6.1 Formato e Layout

É importante pensar no formato e no material do livro, os livros infantis devem ter dimensões acessíveis às mãos pequenas, com materiais resistentes e agradáveis ao toque, como papel cartonado ou texturizado. Recursos interativos, como abas, pop-ups ou elementos táteis, tornam o livro mais atrativo e promovem a interação sensorial (RAMOS, 2011; LINS, 2003).

No que diz respeito ao formato das páginas, a utilização da página dupla (figura 9) tornou-se uma das principais marcas dos livros infantis ilustrados. Esse recurso amplia as possibilidades de composição visual e narrativa, organizando o espaço de leitura de maneira mais dinâmica e favorecendo conexões entre texto e imagem. Ele permite explorar ritmos poéticos e soluções estéticas mais envolventes, ajudando a construir o sentido da história de forma mais fluida (LINDEN, 2011).

Além disso, os avanços tecnológicos nos processos gráficos contribuíram significativamente para a evolução do livro ilustrado, permitindo a criação de formatos diferenciados e materiais mais atrativos. Isso tem ampliado o potencial de encantamento junto ao público infantil, tornando o livro um objeto ainda mais sedutor e eficaz no estímulo à leitura (LINDEN, 2011; SALISBURY & STYLES, 2013).

Figura 9 - Página dupla do livro Onde Vivem os Monstros, por Maurice Sendak



But the wild things cried, "Oh please don't go—
we'll eat you up—we love you so!"
And Max said, "No!"

The wild things roared their terrible roars and gnashed their terrible teeth
and rolled their terrible eyes and showed their terrible claws
but Max stepped into his private boat and waved good-bye

Fonte: Site researchgate.com (2022)

Esse formato também possibilita composições gráficas mais imersivas, nas quais as ilustrações se expandem de uma página à outra, criando ambientes, cenas e atmosferas que envolvem a criança de forma sensorial e afetiva. Essa continuidade visual estimula o olhar atento, a curiosidade e o desejo de virar a página, fortalecendo o vínculo emocional com a obra (LINDEN, 2011).

Além disso, a dupla página facilita arranjos poéticos e estéticos, promovendo pausas, tensões ou surpresas na narrativa visual, o que contribui para o desenvolvimento da sensibilidade estética e da capacidade interpretativa da criança (SALISBURY & STYLES, 2013).

A composição e o layout das páginas devem seguir uma organização clara, com boa hierarquia visual, margens bem definidas e um equilíbrio entre texto e imagem. O uso consciente do espaço em branco ajuda a evitar a sobrecarga visual e melhora a legibilidade (CARDOSO, 2013).

As margens bem delimitadas e o uso estratégico do espaço em branco (figura 10) — também chamado de espaço negativo — são recursos importantes nesse processo. O espaço em branco não é meramente um "vazio", mas uma ferramenta de equilíbrio visual. Ele permite que o conteúdo "respire", evitando sobrecarga visual, o que é especialmente importante para crianças pequenas, ainda em fase de desenvolvimento cognitivo e sensorial (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

Além disso, a composição cuidadosa contribui para o ritmo da leitura. O layout pode sugerir pausas, mudanças de cena e até mesmo emoções, por meio da distribuição e relação entre texto e imagem. Quando bem planejado, o design gráfico amplia a expressividade da narrativa, favorecendo a interpretação e o envolvimento da criança com a obra (SALISBURY; STYLES, 2013).

Figura 10 – Exemplo de uso do recurso, espaço em branco. Capa do Livro Onda, de Suzy Lee (2017)



Fonte: Site amazon.com.br

6.2 Diagramação

A diagramação diz respeito à forma como os elementos visuais e textuais são organizados dentro da página, estabelecendo uma relação compositiva que guia a leitura. No caso dos livros infantis ilustrados, essa organização precisa considerar a hierarquia da informação, ou seja, quais elementos devem ter maior destaque e como o olhar do leitor será conduzido ao longo do percurso narrativo. Definir essa hierarquia entre texto e imagem é essencial para garantir fluidez, legibilidade e coerência na narrativa visual (MARTINS, 2010).

Diagramar significa organizar um conteúdo específico em relação ao espaço que este irá ocupar, o implica em considerar qualidades perceptivas, cognitivas e culturais do público a qual determinado projeto se destina (HURLBURT, 2002; LUPTON, 2013).

A leitura verbal realizada por crianças exige cuidados específicos no que diz respeito à apresentação gráfica do texto. Isso envolve não apenas os elementos textuais em si, mas também a maneira como são organizados junto

às imagens, às formas e às cores, respeitando o nível de desenvolvimento cognitivo da criança (LOURENÇO, 2011). Além disso, (Figura 11) nos livros infantis ilustrados, o processo de leitura acontece de forma integrada e simultânea entre texto e imagem (SIPE, 1998).

Figura 11 - Página do livro *A Parte que Falta*, de Shel Silverstein (2006)



Fonte: Site estadão.com.br (2018)

Neste livro, o texto é mínimo e aparece em harmonia com desenhos simples, quase esquemáticos. O espaço em branco e a organização das imagens ajudam a criança a focar na narrativa e a refletir sobre os significados implícitos. A leitura simultânea do desenho e da palavra é essencial para a compreensão da metáfora central da história.

Apesar de os livros infantis não seguirem um único modelo rígido de diagramação — o que garante liberdade criativa e identidade autoral às obras — há características essenciais desse processo que devem ser consideradas para garantir a eficácia comunicativa e estética junto ao público infantil (LOURENÇO, 2011; CARDOSO, 2013; SALISBURY; STYLES, 2013).

A forma como texto e imagem se organizam graficamente na página de um livro infantil tem grande impacto na construção da narrativa. Essa disposição pode gerar continuidade, reforçar significados, estabelecer contrastes ou até mesmo provocar leituras múltiplas (LINDEN, 2011). A interação entre esses elementos e o suporte físico do livro possibilita diferentes caminhos de leitura, ampliando as possibilidades de interpretação da história. Por isso, a diagramação deve ser tratada como um dos elementos centrais do design

editorial voltado ao público infantil, pois ela influencia diretamente a recepção e os efeitos narrativos pretendidos (LINS, 2003; LINDEN, 2011).

No que diz respeito à escolha da diagramação, é importante salientar que o processo de ler deve ser compreendido em relação às características das obras, incluindo o próprio conteúdo do texto, ritmo literário e da narrativa escolhida pelo autor para se comunicar com seu público (MENEGAZZI, DEBUS, 2018).

Outro ponto relevante na diagramação do texto é considerar que o livro ilustrado costuma ser lido em voz alta, seja por um adulto mediador ou por uma criança em fase de alfabetização. Por isso, a organização textual precisa ser cuidadosamente planejada. Como destaca Linden (2011), a divisão do texto em blocos bem definidos favorece a leitura em voz alta, respeitando o ritmo e a respiração do leitor — o que os pedagogos franceses chamam de *unités de souffle* (unidades de fôlego). Essa estrutura contribui para uma leitura mais fluida, ajustando-se tanto à oralidade quanto à visualização da narrativa, o que afeta diretamente a compreensão e a expressividade da história (Figura 12).

Figura 12 - Página do Livro Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque e Ziraldo (2017)



Fonte: Site encantamentosdaliteratura.blogspot.com

A obra utiliza versos curtos e bem espaçados no layout, o que favorece o controle da respiração e a entonação durante a leitura oral. Essa divisão em *unités de souffle* contribui para uma leitura mais teatral e interpretativa,

facilitando a mediação do adulto e incentivando a expressividade da criança. Esse exemplo mostra como a diagramação pensada para a oralidade — com divisões claras e pausas adequadas — torna o livro mais acessível, envolvente e eficaz no processo de mediação da leitura.

Estudos ergonômicos aplicados ao design gráfico-editorial são fundamentais para garantir que livros infantis sejam visualmente acessíveis e confortáveis de ler. A ergonomia da leitura considera fatores como o tamanho e o estilo da tipografia, o espaçamento entre linhas e margens, o número de caracteres por linha e até a forma como o conteúdo é distribuído na página. Burt (1959) já destacava a importância da legibilidade em função da quantidade adequada de caracteres por linha e do corpo da fonte, especialmente para leitores em processo de alfabetização.

Além disso, segundo Lupton (2013), o designer gráfico deve buscar o equilíbrio visual entre texto e imagem, criando uma mancha gráfica clara e bem organizada, que ajude a guiar o olhar da criança de forma intuitiva. Isso contribui não apenas para o conforto na leitura, mas também para a compreensão da narrativa. Uma diagramação mal pensada pode gerar ruído na interpretação do conteúdo, enquanto uma estrutura visual bem planejada favorece o fluxo da leitura, respeitando o ritmo cognitivo e visual da criança.

6.3 A Ilustração

A ilustração ocupa um papel central nos livros infantis, especialmente por serem voltados, em grande parte, para um público ainda não alfabetizado. Nessas obras, as imagens não apenas complementam o texto, mas muitas vezes conduzem a narrativa, influenciando diretamente as interpretações feitas pelas crianças (LINS, 2004 apud FLEXOR et al., 2009).

As imagens, ao dialogarem com o universo visual e emocional da criança, têm a capacidade de estimular a imaginação, a atenção e a afetividade, tornando a leitura uma experiência sensorial e significativa (Nikolajeva e Scott, 2011).

As ilustrações também são essenciais e devem manter um estilo coerente com a faixa etária do público-alvo. Crianças menores se identificam mais com traços simples e figuras reconhecíveis, enquanto as mais velhas podem apreciar detalhes e maior complexidade visual. As imagens devem dialogar com o texto, complementando ou até expandindo a narrativa, com personagens expressivos

e cenários envolventes que facilitam a identificação e o entendimento da história (NIKOLAJEVA & SCOTT, 2011; SALISBURY & STYLES, 2013).

Além disso, como defende Linden (2011), a ilustração pode assumir diferentes funções dentro da obra: pode repetir o texto, complementá-lo, contradizê-lo ou até mesmo narrar algo de forma independente. Essa diversidade de possibilidades amplia o potencial narrativo do livro infantil e o aproxima de uma linguagem mais própria ao pensamento visual da criança.

Outro aspecto essencial na criação de ilustrações para livros infantis é a perspectiva narrativa. Segundo Nikolajeva e Scott (2011, p. 155), esse conceito refere-se ao ponto de vista a partir do qual a história é apresentada ao leitor. No caso do livro em questão (figura 12), optou-se por uma abordagem em que o leitor compartilha o olhar da personagem — o que Linden (2014) denomina de *focalização interna*. Essa escolha narrativa intensifica o envolvimento da criança com a história, criando uma sensação de imersão e proximidade emocional. O leitor passa a experimentar a narrativa como se estivesse dentro dela, estabelecendo uma conexão mais profunda com o personagem e com os acontecimentos (Silva, 2017).

6.4 Cor

Para Silva (2017), a escolha das cores em livros infantis varia conforme o tema da história e a atmosfera que se pretende criar. No entanto, ao direcionar o projeto para crianças com autismo, é fundamental levar em conta como elas percebem visualmente as cores, já que estímulos cromáticos podem impactar diretamente sua atenção, conforto e engajamento com o conteúdo.

A cor é um poderoso estímulo visual, muito útil como ferramenta de comunicação. Resulta da transmissão das ondas de luz refletidas através do olho e interpretadas no cérebro, de modo que os sentidos expressados pela cor são subjetivos. Tanto experiências individuais como questões culturais afetam a interpretação da mensagem cromática (SAMARA, 2011, p.26).

As cores exercem forte influência no universo infantil, despertando curiosidade e atenção. De modo geral, tudo que é colorido atrai o olhar das crianças, contribuindo significativamente para seu desenvolvimento. Quando bem planejado, o uso de cores no ambiente educativo estimula a interação positiva da criança com o espaço ao seu redor (CAMPUS VILLA, 2019).

Cores vibrantes, como vermelho, amarelo e laranja, têm papel importante no desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e sensoriais, além de favorecerem o raciocínio, a linguagem e a percepção visual. Por isso, a variedade cromática deve ser explorada de forma consciente, considerando que a cor é uma das primeiras referências utilizadas pelas crianças para diferenciar e reconhecer objetos (CAMPUS VILLA, 2019).

A cor desempenha um papel fundamental na relação entre o livro infantil e seu público. Não por acaso, a maioria dos produtos voltados para as crianças — como brinquedos, roupas, livros e acessórios — apresenta uma paleta cromática vibrante e diversificada, capaz de atrair a atenção e estimular os sentidos dos pequenos (CAMPUS VILLA, 2019). Na educação infantil, esse recurso visual também é amplamente utilizado como ferramenta pedagógica.

No contexto do livro ilustrado, a cor é um elemento expressivo que deve ser cuidadosamente planejado. Como afirmam Witter e Ramos (2008), ela não apenas atrai o olhar da criança, mas também contribui para a experiência sensorial e cognitiva da leitura. Faust (1995) destaca que a presença da cor, associada à ilustração, ocupa um lugar importante no processo de ensino-aprendizagem da leitura, tornando-o mais estimulante e prazeroso.

Coelho (2007) reforça essa ideia ao afirmar que o uso de cores vivas e contrastantes na literatura infantil desperta a curiosidade, reforça emoções positivas e transforma o ato de ler em um jogo visual. Já Mello (1980) observa que o apelo visual das figuras coloridas pode favorecer o interesse das crianças pela leitura, especialmente nos primeiros anos de alfabetização, ao introduzir novas palavras e incentivar a verbalização, sendo a cor um dos principais estímulos nesse processo.

De acordo com o estudo realizado por Miranda e Passerino (2014), voltado à criação de ambientes virtuais para crianças com transtorno do espectro autista, observou-se que a escolha das cores deve considerar as particularidades sensoriais de cada criança (Silva, 2017).

Para crianças com hipersensibilidade sensorial, por exemplo, cores suaves e tons pastéis são preferíveis, pois transmitem calma e reduzem a sobrecarga visual. Tonalidades como azul claro, lavanda, verde menta, rosa claro e bege criam um ambiente mais acolhedor e sereno, favorecendo a concentração e o bem-estar. Segundo Miranda e Passerino (2014), tons mais

leves causam menor impacto visual e são mais adequados a esse perfil de percepção.

Por outro lado, crianças com hipossensibilidade podem necessitar de estímulos visuais mais intensos para captar a atenção e engajar com os materiais. Nesse caso, cores vibrantes como vermelho, amarelo, laranja e azul cobalto podem ser utilizadas com moderação para provocar estímulo e despertar a curiosidade. O uso estratégico dessas cores, aliado a contrastes bem planejados, contribui para ampliar a percepção visual dessas crianças e facilitar sua interação com o conteúdo apresentado (MIRANDA; PASSERINO, 2014).

6.5 Tipografia

Ao tratar da literatura infantil, é fundamental reconhecer que o processo de leitura realizado por uma criança é bastante distinto daquele executado por um adulto. Crianças em fase de alfabetização estão envolvidas em um processo de decodificação das letras, o que exige maior atenção à forma como o conteúdo textual é apresentado (RUMJANEK, 2008).

Mesmo quando o foco principal do livro são as imagens, os elementos textuais — como a tipografia, o tamanho da fonte, o espaçamento entre linhas e a largura dos parágrafos — devem ser cuidadosamente planejados para garantir uma leitura confortável e acessível. Além disso, a organização do texto (Figura 13) deve seguir uma hierarquia visual clara, facilitando a compreensão e orientando o olhar do pequeno leitor (SAMARA, 2011, p. 34).

Figura 13 - Quadro dos parâmetros tipográficos

Idade	Corpo (pontos)	Letras por linha (linha 10,16 cm)	Coluna (cm)	Entrelinha (cm)
menor que 7	24	32	12.7	0.66
7-8	18	38	10.16	0.432
8-9	16	45	8.89	0.406
9-10	14	52	9.52	0.33
10-12	12	58	10.16	0.305
maior que 12	11	60	11.43	0.254

Fonte: Artigo O Design da Literatura Infantil: Uma Investigação do Livro Ilustrado Contemporâneo (MENEGAZZI, DEBUS, 2019, p.279)

Nesse contexto, a tipografia assume um papel essencial. Segundo Lupton (2013, p. 85), ela é responsável por consolidar a obra como um corpo coeso de ideias, permitindo que o texto seja lido de maneira fluida e intuitiva. A autora destaca que uma boa escolha tipográfica não apenas facilita a decodificação de cada letra, mas também contribui para formar "desenhos de palavras" que favorecem a assimilação do conteúdo. Dessa forma, a tipografia deve ser vista como um recurso que aproxima o leitor da narrativa, e não como uma barreira que dificulta sua experiência.

No que diz respeito ao texto, embora não existam regras rígidas para a produção literária infantil, alguns critérios podem orientar escolhas tipográficas mais adequadas às crianças. Como destaca Lourenço (2011), às chamadas fontes infantis são projetadas com base nas necessidades específicas desse público, apresentando menores detalhes ornamentais e uma distinção clara entre os caracteres — fator essencial para evitar confusões entre letras semelhantes, como “a” e “g” ou “l” minúsculo e “I” maiúsculo.

Outro aspecto relevante é o uso de ligaduras e formas de letras que se aproximam da caligrafia ensinada nos primeiros anos escolares. Essas características ajudam as crianças a reconhecer os caracteres com mais facilidade, o que contribui para a fluidez da leitura e favorece a compreensão das palavras no contexto da frase (LOURENÇO, 2011).

Além disso, segundo Coutinho e Silva (2007), para leitores com menos de nove anos, o espaçamento entre palavras deve ser mais generoso. Essa prática facilita a separação visual das unidades linguísticas, colaborando para uma leitura mais clara e compreensível.

A tipografia Sassoon Primary (figura 14) é um exemplo marcante de como o design pode contribuir para facilitar a leitura infantil. Desenvolvida por Sassoon e Williams (2000), essa fonte foi criada a partir de estudos com crianças e professores do ensino fundamental, buscando entender as necessidades específicas desse público. Entre suas principais características estão as ligaduras bem definidas, o traçado que remete à escrita manual e uma leve inclinação nas letras, que ajuda a orientar o olhar da criança e favorece o ritmo da leitura (Figura 15).

Figura 14 - Família tipográfica Sassoon Primary

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZÀÅ
 abcdefghijklmnopqr
 stuvwxyzàåéîõøü&1
 234567890(\$£€.,!?)

Fonte: Site Tipógrafos.Net (2007)

Figura 15 - Demonstração das ligaduras na tipografia Sassoon Primary

ant
 ant

Fonte: Artigo O Design da Literatura Infantil: Uma Investigação do Livro Ilustrado Contemporâneo (MENEGAZZI, DEBUS, 2018. p.280)

Entre suas principais características estão:

- **Formas simples e abertas**, que facilitam a distinção entre letras semelhantes, como "a" e "o", ou "l" e "i".
- **Ligaduras opcionais**, pensadas para reproduzir os gestos da escrita cursiva, o que contribui para uma transição mais natural entre a leitura e a escrita.
- **Leve inclinação das letras**, que orienta o olhar da criança da esquerda para a direita, acompanhando o fluxo natural da leitura.
- **Design inspirado na escrita manual**, criando familiaridade com o modelo caligráfico ensinado nas escolas.

Essa tipografia é amplamente usada em materiais didáticos e livros infantis na Europa e também adotada em recursos educativos voltados para crianças com dislexia ou dificuldades de aprendizagem (SASSOON, 1993).

Segundo Sassoon e Williams (2000), em seu guia descritivo sobre a família tipográfica Sassoon, tendências e necessidades especiais das crianças as fazem escolher por fontes sem inclinações, sem serifas nos topos das letras e com serifas nas linhas de base, o que ajuda a agrupar as letras em palavras, dando unidade a estas. Para eles, as crianças precisam de letras amigáveis e de fácil reconhecimento, resultantes de suas formas bem definidas. Outros aspectos relevantes são: limpeza, miolos abertos, e o comprimento levemente acentuado das ascendentes e descendentes (CASARINI, FARIAS, 2008).

Alguns livros infantis utilizam fontes com estilo caligráfico como uma estratégia para aproximar o conteúdo literário da forma de escrita da criança. Esse tipo de escolha tipográfica traz uma sensação de espontaneidade e confere ao texto uma qualidade mais emocional e pessoal — como se o autor ou ilustrador tivesse deixado sua marca diretamente na obra. Essa característica está alinhada com a concepção de caligrafia apresentada por Lupton (2013), que a entende como um meio expressivo e intimamente ligado à identidade do emissor.

Um livro infantil deve, antes de tudo, oferecer uma leitura confortável, ou seja, que exija o mínimo de esforço da criança para compreender seu conteúdo. Para que isso aconteça, é essencial compreender alguns conceitos fundamentais relacionados à tipografia, especialmente no que diz respeito à legibilidade e à leiturabilidade.

Esses dois termos — frequentemente confundidos — possuem significados distintos. A legibilidade refere-se à clareza das letras individualmente, enquanto a leiturabilidade diz respeito à facilidade com que um texto completo pode ser lido e compreendido. Assim, um texto pode ser legível (as letras são reconhecíveis), mas apresentar baixa leiturabilidade se sua composição dificultar o fluxo da leitura. Por outro lado, um texto ilegível inevitavelmente compromete também a sua leiturabilidade, pois se torna difícil ou impossível de ser lido de forma fluida (CASARINI; FARIAS, 2008).

A definição da tipografia em materiais destinados a crianças com TEA deve considerar principalmente a clareza e a facilidade de leitura. Pesquisas

apontam que fontes sem serifa, como Arial Rounded, Century Gothic ou Sassoon Primary, são recomendadas por apresentarem formas simples e bem delimitadas, evitando confusões visuais e tornando a leitura mais acessível (DOCKWRAY; MOLESWORTH, 2018). Além disso, o uso de espaçamentos amplos entre letras e palavras contribui para uma leitura mais confortável, diminuindo a sobrecarga sensorial (JÚNIOR; SANTOS, 2020).

Um recurso estilístico bastante utilizado nos textos dos livros infantis é o Lettering (Figura 16), que é uma estratégia visual importante que vai além da simples veiculação textual — ele atua como parte integrante da narrativa visual, contribuindo para a expressividade, a estética e a compreensão da história pelas crianças. Ao ser desenhado manualmente ou digitalmente, o lettering permite variações de forma, cor, tamanho e movimento, criando uma conexão mais direta com o conteúdo e com o leitor, que se trata de um processo de criação manual de letras, “transformando o design e a ilustração em práticas fluentemente integradas” (LUPTON, 2013).

O estilo de letterings, normalmente são utilizados com uma intenção de enunciação gráfica para representar variações no tom de voz do personagem, por exemplo (MENECAZZI, DEBUS, 2018).

Figura 15 - Exemplo do uso de letterings em desenhos tipográficos, criado por Shauna Lynn Panczynszyn



Fonte: Site Domestika (2020)

Segundo Salisbury e Styles (2013, p. 117), “o lettering pode reforçar emoções e atmosferas, aumentando o impacto visual e afetivo do texto”, especialmente quando incorporado de forma orgânica às ilustrações. Letras

ondulantes podem sugerir suavidade ou sonho, enquanto letras angulosas e irregulares podem indicar medo, raiva ou tensão. Esses elementos ajudam a guiar a leitura e a intensificar o envolvimento emocional da criança com a narrativa.

A autora Claudia Linden (2011) também destaca que, para a criança em fase de alfabetização, a leitura é um ato simultaneamente visual e cognitivo. Portanto, os textos que acompanham as imagens devem valorizar a expressividade da linguagem escrita, e o lettering tem um papel fundamental nesse processo ao tornar a tipografia mais viva, significativa e participativa da construção do sentido.

Assim, a tipografia assume um papel fundamental na promoção da inclusão e no suporte à acessibilidade cognitiva para crianças com TEA (CONNOLLY; BARNETT, 2012).

6.6 Acabamentos Gráficos

O acabamento gráfico representa uma das etapas finais no processo de produção editorial e exerce um papel importante na valorização do livro como objeto. No caso da literatura infantil, é comum o uso de acabamentos como lombada quadrada e capa dura, que conferem maior durabilidade à obra, especialmente considerando o manuseio intenso por parte das crianças. Além disso, recursos como recortes diferenciados, laminação, envernização localizada, hot stamping (aplicação térmica de película metálica ou colorida), entre outros, podem agregar valor estético e sensorial ao livro, diferenciando-o no mercado e contribuindo para uma experiência de leitura mais rica (BANN, 2012).

Mais do que meros adornos, os acabamentos gráficos são também ferramentas de mediação simbólica, que ajudam a despertar o interesse da criança pela leitura, ampliando sua experiência sensorial e afetiva com o livro. Isso se justifica especialmente no contexto da literatura infantil, onde o envolvimento do leitor ocorre de maneira espontânea e prazerosa, e não por obrigação pedagógica (LARROSA, 2003).

7. O PAPEL DO DESIGNER NA ELABORAÇÃO DO PROJETO VISUAL

O design pode ser compreendido como um conjunto de ações orientadas para alcançar um resultado centrado nas necessidades e experiências do usuário. Isso significa que a forma como o público interage e reage diante de um objeto, produto ou peça gráfica é fundamental para avaliar a eficácia do projeto. A percepção e o envolvimento do usuário no momento do uso ou contato são indicativos claros de sucesso ou falha do processo de design (BINELLO; RADÜNS; GROSSMANN, 2019).

No desenvolvimento de um projeto visual, especialmente no caso de um livro infantil, a composição dos elementos visuais desempenha um papel fundamental para garantir uma comunicação eficaz com o público-alvo e o sucesso do material. Desde a capa, o livro precisa atrair o olhar da criança e despertar seu interesse de imediato. Isso porque, nesse tipo de publicação, a imagem tem função narrativa e informativa essencial. Quando os elementos textuais ou visuais são utilizados de forma inadequada, podem comprometer a experiência de leitura, dificultar a compreensão e até gerar desconforto, afastando a criança da obra. Por isso, é fundamental que o projeto gráfico considere com cuidado tanto a estética quanto a funcionalidade das ilustrações e do texto (OLIVEIRA; SANTOS; BOTELHO, 2023).

O designer tem como missão tornar o encontro entre utilizador, artefato e tarefa a desempenhar tão compreensível quanto possível. O design trabalha com pessoas para pessoas, de forma com que se não tiver foco na real necessidade do usuário/cliente e na forma com que a mensagem será codificada, recebida e decodificada pelo receptor, não será eficiente (BINELLO, RADÜNS, GROSSMANN, 2019).

De acordo com Albino (2010), a literatura infantil convida à reflexão sobre seu público-alvo, as crianças e suas particularidades como leitores em formação. Nesse contexto, o design desempenha um papel fundamental na criação dos livros, já que é por meio dele que a comunicação visual se estrutura, funcionando como um elo essencial entre o conteúdo e seu jovem leitor. Como afirma Coelho (2000, p. 43), os livros infantis são “[...] o meio ideal não só para auxiliá-las a desenvolver suas potencialidades naturais, como também para auxiliá-las nas várias etapas de amadurecimento que medeiam entre a infância e a idade adulta”.

Cada criança é única e é importante encontrar as estratégias visuais que melhor funcionam para cada uma delas. A comunicação visual pode ser uma ferramenta poderosa na promoção da comunicação eficaz e no fortalecimento da interação comunicativa com crianças com autistas (O MUNDO DE PEU, 2023). E é função do designer colocar o problema dos usuários no centro das atenções do projeto, (LOBACH, 2001).

Nesse sentido, o designer tem a importante missão de promover a integração entre produtos, serviços e seus usuários, desenvolvendo soluções centradas no ser humano e acessíveis a todas as pessoas. Seu papel vai além da estética, envolvendo a criação de experiências significativas, inclusivas e funcionais para diferentes públicos.

8. METODOLOGIA

A presente pesquisa foi desenvolvida com base na revisão bibliográfica sistemática, orientada por uma abordagem qualitativa e de caráter exploratório-descritivo, com o objetivo de compreender como o design editorial e a comunicação visual aplicados a livros infantis podem contribuir para a socialização e inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa escolha metodológica se justifica pela necessidade de reunir, analisar e sintetizar estudos e referenciais teóricos que abordam a literatura infantil, a biblioterapia, o desenvolvimento infantil e práticas de design inclusivo, fornecendo uma fundamentação sólida para o entendimento do fenômeno investigado e para a proposição de diretrizes que favoreçam a criação de obras acessíveis e eficazes.

A pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2008), é apropriada quando se pretende examinar fenômenos e conceitos a partir de materiais já publicados, como livros, artigos científicos, dissertações e documentos institucionais, sem a necessidade de coleta de dados em campo. Essa modalidade de estudo possibilita a construção de análises críticas e integradas, favorecendo a identificação de lacunas e a sistematização do conhecimento.

De acordo com Marconi e Lakatos (2003), uma revisão bem estruturada permite consolidar fundamentos teóricos e oferecer suporte para que futuras investigações apliquem os conceitos identificados de forma prática e contextualizada. Dessa forma, a metodologia adotada busca atender não apenas

aos objetivos centrais do trabalho, mas também ampliar as bases de conhecimento sobre o tema.

O estudo tem como objetivo central analisar de que forma os elementos gráficos e estruturais presentes em livros infantis, como tipografia, cor, ilustração, materialidade e diagramação, impactam a experiência de leitura e podem atuar como recursos de apoio à socialização e ao engajamento de crianças com TEA.

A revisão bibliográfica foi conduzida com a intenção de compreender como a literatura infantil e o design gráfico podem atuar como mediadores na construção de narrativas acessíveis, que promovam conforto sensorial e cognitivo e incentivem vínculos afetivos e interações sociais mais efetivas. A investigação também se propôs a examinar a biblioterapia como prática complementar, destacando como livros infantis ilustrados, quando elaborados de forma adequada, podem contribuir para o desenvolvimento emocional e social desse público, conforme apontam Albuquerque et al. (2012) e Godoi et al. (2024).

As fontes utilizadas foram selecionadas a partir de bases de dados de relevância acadêmica, como SciELO, Periódicos CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Google Acadêmico, além de repositórios institucionais de universidades públicas. Também foram consultados livros técnicos e científicos sobre design editorial, psicologia do desenvolvimento infantil e inclusão, bem como diretrizes oficiais de acessibilidade, como o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) (BRASIL, 2006). Entre as fontes recentes, destacam-se relatórios e estudos como Neuroconecta (2023), que analisa o uso de recursos visuais como apoio à comunicação de crianças autistas, e Godoi et al. (2024), que apresenta evidências sobre intervenções terapêuticas expressivas, incluindo a mediação por narrativas visuais. Esses materiais, somados a autores clássicos como Menegazzi e Debus (2018) e Lima e Lima (2018), forneceram o embasamento necessário para a discussão sobre a importância da comunicação visual e do design na literatura infantil inclusiva.

A seleção das fontes seguiu critérios específicos, priorizando publicações produzidas entre 2005 e 2025 para garantir atualidade, mas incluindo obras anteriores consideradas fundamentais para o entendimento histórico e conceitual do design e da literatura infantil. Foram utilizados apenas textos com autoria e data identificadas, rigor metodológico e relevância para os temas

centrais da pesquisa, sendo descartadas fontes puramente opinativas, comerciais ou sem respaldo científico. As buscas foram realizadas com termos em português e inglês, como “design editorial infantil”, “livros ilustrados acessíveis”, “autismo e literatura”, “elementos visuais para inclusão” e “biblioterapia para crianças autistas”, o que possibilitou uma visão ampla e comparativa do estado da arte.

O processo de análise ocorreu por meio de leitura analítica e fichamento crítico, identificando conceitos-chave, metodologias e recomendações sobre a utilização de elementos gráficos em livros infantis. Os dados obtidos foram organizados em categorias temáticas — tipografia, cores, ilustrações, diagramação, materialidade e potencial terapêutico — permitindo a construção de uma visão integrada sobre como cada aspecto pode impactar a experiência leitora e auxiliar no desenvolvimento socioemocional de crianças neurodivergentes. Essa sistematização possibilitou a formulação de diretrizes apresentadas na parte de resultados do trabalho, que sintetizam as melhores práticas para o desenvolvimento de livros inclusivos, com base na literatura revisada.

A abordagem qualitativa foi essencial para interpretar os conteúdos de forma descritiva e contextualizada, considerando os significados e implicações das práticas de design para o público-alvo, em vez de quantificá-los estatisticamente. Para garantir a confiabilidade dos achados, os resultados foram confrontados com documentos técnicos e recomendações de organismos e autores reconhecidos, como o PNLD (BRASIL, 2006), Lima e Lima (2018), Neuroconecta (2023), Neurosaber (2021) e Godoi et al. (2024). Essa triangulação entre fontes acadêmicas, diretrizes oficiais e evidências recentes reforçou a validade das recomendações elaboradas.

As evidências reunidas neste trabalho, oferecem uma base sólida para que futuras investigações apliquem e validem esses parâmetros em contextos reais, por meio de estudos de campo, desenvolvimento de protótipos editoriais e parcerias entre designers, educadores e terapeutas. Assim, a metodologia adotada não apenas fundamenta as discussões apresentadas, mas também contribui para a construção de um arcabouço conceitual capaz de orientar ações e pesquisas futuras voltadas ao desenvolvimento de livros infantis mais acessíveis e inclusivos.

9. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Com base na revisão bibliográfica realizada, foi possível identificar uma série de aspectos fundamentais para a criação e edição de livros infantis ilustrados, especialmente quando voltados ao público infantil com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os resultados evidenciam a importância do design gráfico como elemento central na mediação entre a criança e o livro, atuando tanto como facilitador da leitura quanto como coautor na construção da narrativa visual.

Em primeiro lugar, destaca-se a relevância do design como agente na comunicação entre o conteúdo literário e seu público. Elementos como tipografia, cores, imagens, composição gráfica e acabamento não apenas conferem identidade estética ao livro, mas também desempenham papel fundamental na captação da atenção da criança, no despertar de sua curiosidade e no favorecimento da compreensão textual (Lupton, 2013; Albino, 2010). O projeto visual bem estruturado torna-se, assim, um elo entre o leitor e a obra, funcionando como parte ativa da narrativa e promovendo uma leitura mais acessível, lúdica e eficaz.

Outro ponto essencial é a relação entre texto e imagem, especialmente relevante nos livros infantis ilustrados. De acordo com Nikolajeva e Scott (2011), essa interação pode se dar de forma complementar, contraditória ou de ampliação de sentido. As imagens não são meros adornos, mas componentes narrativos e emocionais, capazes de comunicar conteúdos complexos de maneira simbólica e direta, ajudando a construir vínculos com a narrativa.

Quanto à tipografia, a pesquisa apontou a necessidade de escolhas criteriosas que considerem a legibilidade e a leitura do texto. Fontes como a Sassoon Primary, projetada por Sassoon e Williams (2000), são desenvolvidas com base em estudos sobre a leitura infantil e apresentam formas arredondadas, inclinação suave e ligaduras que imitam a escrita manual, facilitando a decodificação das palavras e aproximando-se da caligrafia ensinada nas fases iniciais da alfabetização (Lourenço, 2011).

Outro resultado relevante refere-se ao uso das cores nos livros infantis, especialmente quando voltados a crianças com TEA. A literatura mostra que crianças com hipersensibilidade sensorial respondem melhor a paletas

cromáticas suaves, enquanto aquelas com hipossensibilidade podem ser mais estimuladas por cores vibrantes (Miranda & Passerino, 2014). Assim, o uso das cores deve ser orientado não apenas por critérios estéticos, mas também pela intenção comunicativa e pelas características perceptivas do público-alvo. Essa adaptação do uso cromático demonstra que o design inclusivo deve considerar não apenas diretrizes gerais, mas também a variabilidade do espectro autista, respeitando os diferentes perfis sensoriais.

Considerando os resultados das investigações analisadas, estruturou-se um quadro (quadro 1) que reúne, de forma concisa, os principais elementos visuais, sistematizando os pontos centrais da pesquisa.

Quadro - 1 - Elementos Visuais Recomendados em Livros Infantis para Crianças com TEA

Elemento	Recomendações	Referências
Tipografia	Fontes arredondadas e legíveis, como Sassoon Primary; tamanho maior e espaçamento ampliado; evitar uso de serifas.	Sassoon & Williams (2000); Lourenço (2011)
Cores	Paletas suaves para crianças com hipersensibilidade; cores vibrantes e contrastes moderados para hipossensibilidade.	Miranda & Passerino (2014)
Ilustrações	Figuras claras, com personagens expressivos e cenários simples; imagens como recurso narrativo, não só decorativo.	Nikolajeva & Scott (2011)
Texto-Imagem	Relação complementar (imagem reforça texto); evitar sobrecarga visual ou mensagens contraditórias.	Nikolajeva & Scott (2011)
Materialidade	Livros com formatos e texturas que despertem interesse, sem excesso de estímulos sensoriais.	Menegazzi & Debus (2018)

Fonte: autor, 2025.

O design de livros infantis voltados para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) deve considerar uma série de fatores visuais e materiais que vão além da estética tradicional, pois a interação dessas crianças com estímulos sensoriais e cognitivos apresenta particularidades significativas. Diversos estudos (Sassoon & Williams, 2000; Lourenço, 2011; Miranda & Passerino, 2014; Nikolajeva & Scott, 2011; Menegazzi & Debus, 2018) demonstram que escolhas visuais inadequadas podem causar sobrecarga sensorial, dificultar o engajamento e até gerar rejeição à leitura. Nesse contexto,

o design editorial precisa ser fundamentado em critérios inclusivos e terapêuticos.

As ilustrações desempenham papel fundamental como ferramenta de comunicação e mediação. Segundo Nikolajeva e Scott (2011), imagens claras, com personagens expressivos e cenários simples, funcionam não apenas como complementos visuais, mas como narradores que ajudam a criança a compreender a história, identificar emoções e construir vínculos com a narrativa. O excesso de detalhes ou imagens abstratas deve ser evitado, pois pode confundir e desviar a atenção do conteúdo principal.

Por fim a materialidade do livro – que abrange formato, textura e acabamentos – pode ampliar o interesse e engajamento da criança, desde que utilizada com equilíbrio. Recursos táteis, formatos diferenciados e elementos interativos podem incentivar a exploração e curiosidade, mas seu uso excessivo pode gerar estímulos sensoriais exagerados e comprometer a experiência (Menegazzi & Debus, 2018). O desafio do design, portanto, é integrar essas características para tornar o livro não apenas visualmente atraente, mas também acessível, funcional e terapêutico.

Assim, a análise dos elementos visuais demonstra que a construção de livros inclusivos para crianças com TEA depende de um equilíbrio entre estética e funcionalidade. Mais do que um produto gráfico, o livro torna-se uma ferramenta de mediação social, cognitiva e emocional, cuja eficácia depende da aplicação criteriosa de tipografia, cores, ilustrações, relação texto-imagem e materialidade, apoiada por evidências científicas e práticas editoriais inclusivas.

Os recursos visuais (quadro 2) em livros infantis não cumprem apenas uma função estética, mas atuam como ferramentas fundamentais para a socialização e aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A literatura consultada (Neurosaber, 2021; Neuroconecta, 2023; Miranda & Passerino, 2014; Martins, 2017; Oliveira, Santos & Botelho, 2023) evidencia que imagens, esquemas e narrativas visuais não apenas auxiliam na compreensão textual, mas também promovem autonomia, reduzem ansiedade e fortalecem vínculos emocionais, tornando a leitura uma experiência inclusiva e terapêutica.

Quadro - 2 Impactos dos Recursos Visuais na Socialização e Aprendizagem de Crianças com TEA

Recursos visuais	Impactos Observados	Referências
Pictogramas e esquemas	Facilitam a previsibilidade e organização das rotinas; aumentam a autonomia e reduzem a ansiedade.	Neurosaber (2021); Neuroconecta (2023)
Imagens concretas	Tornam conceitos abstratos mais acessíveis, apoiando a comunicação e compreensão.	Neuroconecta (2023)
Uso de cor adaptado	Reduz estresse sensorial e promove foco; cores vibrantes ajudam engajamento em casos de baixa responsividade.	Miranda & Passerino (2014)
Narrativas ilustradas	Favorecem o engajamento emocional e social; fortalecem vínculos afetivos e prazer pela leitura.	Martins (2017); Oliveira, Santos & Botelho (2023)

Fonte: autor, 2025.

Entre os recursos destacados, os pictogramas e esquemas visuais merecem atenção especial. Eles funcionam como guias que estruturam rotinas, aumentam a previsibilidade das atividades e reduzem a ansiedade relacionada a mudanças ou imprevistos. Segundo o relatório da Neurosaber (2021) e os estudos da Neuroconecta (2023), essas ferramentas são especialmente eficazes porque oferecem um suporte concreto que dispensa abstrações, algo que muitas crianças com TEA encontram dificuldade para processar.

O uso de imagens concretas é outro aspecto essencial para a inclusão. Muitos conceitos abstratos presentes em narrativas infantis podem ser inacessíveis para crianças com dificuldades de interpretação simbólica ou metafórica. As imagens claras e objetivas transformam esses conceitos em experiências compreensíveis, funcionando como uma ponte entre o conteúdo textual e a realidade da criança (Neuroconecta, 2023). Essa prática é fundamental para tornar a leitura mais significativa e reduzir barreiras cognitivas.

As narrativas curtas e ilustradas são, talvez, o recurso que mais favorece a socialização e o desenvolvimento emocional. Martins (2017) e Oliveira, Santos e Botelho (2023) apontam que histórias curtas, com predominância de imagens e linguagem direta, permitem que a criança se identifique com os personagens, compreenda emoções e desenvolva empatia. Ao criar uma conexão afetiva com

a narrativa, a leitura se transforma em um exercício de expressão emocional e interação social.

Esses impactos demonstram que o design de livros ilustrados para crianças com TEA deve ir além da estética e considerar sua função como mediador terapêutico e social. Os recursos visuais, quando planejados com base em evidências, tornam-se instrumentos que promovem não apenas o aprendizado, mas também a integração social e o fortalecimento emocional, colaborando para que a leitura seja uma prática acessível e transformadora.

A pesquisa destacou o valor da literatura como ferramenta de apoio terapêutico. A biblioterapia surge como prática relevante, especialmente para crianças com TEA, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades comunicativas, emocionais e sociais, além de promover acolhimento e identificação (Martins, 2017). Quando bem planejado, o livro infantil ilustrado pode ser uma ponte entre a criança e o mundo, oferecendo não apenas informação, mas também afeto, acolhimento e prazer pela leitura.

Em síntese, os resultados revelam que a criação de livros infantis ilustrados é um processo multidisciplinar, que exige do designer um olhar sensível e técnico sobre as demandas da infância, especialmente no contexto da neurodiversidade. O design editorial, quando pensado de forma estratégica e centrada no ser humano, amplia as possibilidades de leitura e contribui para uma literatura mais acessível, inclusiva e encantadora.

Dessa forma, identificou-se que o design exerce uma função essencial como mediador na relação entre objeto e usuário, atuando como elo entre o conteúdo e o público. No caso dos livros infantis ilustrados, especialmente voltados a crianças com TEA, é por meio da aparência visual – cores, formas, tipografia e composição – que se estabelece o primeiro contato e se promove a comunicação. O projeto gráfico, portanto, assume papel central na apresentação da obra, sendo responsável por torná-la atraente, acessível e significativa para esse público.

Mais do que simples suportes narrativos, os livros se configuram como ferramentas valiosas no estímulo às relações sociais e emocionais da criança, contribuindo para seu desenvolvimento cognitivo, comunicacional e afetivo. Por essa razão, foi necessária uma investigação aprofundada sobre o potencial do design gráfico como elemento integrador, refletindo sobre como seus recursos

estéticos e funcionais podem ser utilizados de forma sensível e estratégica nas interações com esse público específico.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos por meio da revisão bibliográfica sistemática e da organização dos dados em quadros comparativos evidenciam que o design editorial de livros infantis voltados para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) desempenha um papel decisivo não apenas como recurso estético, mas também como ferramenta pedagógica e terapêutica. A literatura analisada (Sassoon & Williams, 2000; Nikolajeva & Scott, 2011; Miranda & Passerino, 2014; Menegazzi & Debus, 2018; Neuroconecta, 2023; Oliveira, Santos & Botelho, 2023) demonstra que, quando elementos visuais como tipografia, cores, ilustrações, relação texto-imagem e materialidade são planejados com base em critérios de acessibilidade e sensibilidade sensorial, os livros podem atuar como mediadores eficazes para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social de crianças neurodivergentes.

A pesquisa evidenciou a relevância do design gráfico como agente mediador na criação de livros infantis ilustrados, especialmente quando voltados para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Ao integrar elementos visuais, textuais e sensoriais, o design atua não apenas como suporte estético, mas como instrumento de inclusão, comunicação e desenvolvimento infantil (LUPTON, 2013; LOURENÇO, 2011).

O estudo mostrou que o projeto gráfico, ao considerar aspectos como tipografia acessível, cores adequadas à percepção sensorial e narrativa visual coerente, pode potencializar a experiência leitora e estimular habilidades cognitivas, afetivas e sociais.

Além disso, o livro infantil se consolida como uma ferramenta de mediação entre a criança e o mundo, favorecendo o vínculo com a linguagem, com a imaginação e com o outro (COELHO, 2000; LINDEN, 2011). Para tanto, o designer precisa estar atento às especificidades do público infantil, adotando uma abordagem centrada no usuário e sensível às suas necessidades (BINELLO; RADÜNS; GROSSMANN, 2019).

É fundamental compreender que, ao se tratar de inclusão, essa prática deve abranger todos os indivíduos em sua diversidade, considerando suas

condições particulares e singulares. Nesse contexto, o designer, munido de conhecimentos técnicos e sensibilidade social, se apresenta como um profissional capacitado para atuar como mediador entre o objeto e seus usuários. Sua função vai além da estética: ele constrói pontes de integração, promovendo acessibilidade, comunicação e pertencimento. Reconhecer o papel do design como ferramenta de transformação social e inclusão é não apenas gratificante, mas também reafirma sua relevância ética e humana na construção de experiências mais justas e significativas para todos.

Ao se tratar de inclusão, é essencial compreender que ela deve abranger todos os indivíduos em sua diversidade, respeitando suas particularidades e necessidades específicas. O design inclusivo, nesse sentido, propõe a criação de soluções acessíveis para o maior número possível de pessoas, sem a necessidade de adaptações posteriores. O designer, como mediador entre objeto e usuário, tem o papel de promover relações mais equitativas e significativas por meio de projetos centrados no ser humano. Segundo Lima e Lima (2018), o design inclusivo busca atender à pluralidade do público, contribuindo ativamente para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

De modo geral, a análise dos resultados demonstra que o design editorial de livros infantis para crianças com TEA não pode ser tratado como uma prática puramente estética ou comercial. Trata-se de uma atividade interdisciplinar, que precisa integrar conhecimentos de design, psicologia, pedagogia e terapia ocupacional para desenvolver obras que sejam simultaneamente atrativas, acessíveis e funcionais. O livro, nesse contexto, ultrapassa a função de entretenimento e torna-se uma ferramenta de inclusão, mediando a aprendizagem e promovendo a interação social de crianças neurodivergentes.

Ainda que esta pesquisa tenha caráter exclusivamente bibliográfico, sem aplicação prática com o público-alvo, os resultados obtidos oferecem uma base sólida para o desenvolvimento de diretrizes aplicáveis em projetos editoriais futuros. As evidências levantadas podem orientar designers, educadores e terapeutas na criação de materiais mais eficazes, e servem de ponto de partida para estudos de campo e validação empírica das recomendações. Investigações futuras podem testar protótipos baseados nessas diretrizes, avaliando sua

eficácia em contextos reais, como escolas e clínicas, para ampliar o alcance e o impacto social da literatura infantil inclusiva.

Com isso, destaca-se o papel fundamental do design como facilitador de experiências significativas, que ultrapassam a estética e se inserem em um contexto educacional, emocional e social. A qualidade do projeto visual torna-se, portanto, essencial para que os livros infantis cumpram sua função formativa, comunicativa e inclusiva. O design, nesse cenário, reafirma sua potência como linguagem que conecta e acolhe e não apenas dá forma ao conteúdo, mas contribui para que esse conteúdo seja significativo, acessível e transformador.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ângela Maria Teixeira de. Literatura Infantil: Leitura e Prazer no Contexto da Biblioteca Pública. 2005, 56 p. Ciências da Informação - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Setembro de 2005. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/37758/1/2005_tcc_amteixeiraabreu.pdf. Acesso em: 29 nov. 2024;

AFYA EDUCAÇÃO MÉDICA. Sinais de alerta para transtornos do neurodesenvolvimento. Disponível em: <https://educacaomedica.afya.com.br/blog/sinais-de-alerta-para-transtornos-do-neurodesenvolvimento>. Acesso em: 21 jul. 2025;

AGUIAR, M. D.; FREIRE, V. E. C.; COUTINHO, Solange. A imagem na educação infantil: análise gráfica de ilustrações em livros didáticos infantis de Português do Ensino Fundamental. CIDI 2019 BH. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/a-imagem-na-educacao-infantil-anlise-grfica-de-ilustraes-em-livros-didticos-infantis-de-portugus-do-ensino-fundamental-33645>. Acesso em: 01 nov. 2024;

AGUIAR, T. C. A.; FREIRE, F. M. C.; COUTINHO, M. C. S. (2019). Design, infância e cognição: princípios para a criação de materiais didáticos.

A Importância de Suporte Visuais para Crianças com Autismo.

NeuroSaber, 2021. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/a-importancia-de-suportes-visuais-para-criancas-com-autismo/>. Acesso em: 29 nov. 2024;

ALBINO, L. C. D. (2010). A literatura infantil no Brasil: origem, tendências e ensino. Disponível em: <https://docplayer.com.br/49324502-A-literatura-infantil-no-brasil-origem-tendencias-e-ensino.html>. Acesso em: 29 nov. 2024;

ALBUQUERQUE, André Luís de Castro; DUQUE, Adauto Neto Fonseca et al. A pintura em foco: o neoclassicismo em uma abordagem

historiográfica. Revista Homem, Espaço e Tempo. Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú/UV, ano II, n. 1, p.1-12, março 2008. Disponível em: <https://rhet.uvanet.br/index.php/rhet/article/view/34>. Acesso em: 29 nov. 2024;

ALBUQUERQUE, M. J. X. et al. Aplicada em portadores de autismo. In:

Encontro Universitário da UFC, 4, 2012, Juazeiro do Norte, CE. Anais eletrônicos. Juazeiro do Norte, CE: UFC, 2012. Disponível em: <https://encontros.ufca.edu.br/index.php/encontros-universitarios/eu-2012/paper/download/1047/653>. Acesso em: 27 nov. 2024;

ALMEIDA, Simone Cavalcante de; CAMPOS, Gisela Belluzzo de. Design gráfico de livros para infância e modos de ver o desenho na virada industrial brasileira. Educação Gráfica, Bauru, v. 23, n. 2, p. 116–132, ago. 2019. ISSN 2179-7374;

ALMEIDA, M. V. L. Design Social: definição constituída no complexo

social. In: Congresso de Desenvolvimento Social. 13., 2018. Joinville, SC. Anais [...], São Paulo: Blucher, 2019. p. 6027;

AMAZON. Onda (Nova Edição) Por Suzy Lee. Disponível em:

<https://www.amazon.com.br/Onda-Suzy-Lee/dp/8574067733>. Acesso em: 21 jul. 2025.

ANGELINA WITTMAN. Irmãos Grimm. Disponível em:

<https://angelinawittmann.blogspot.com/2013/10/quinta-feira-16-de-fevereiro-de-2012.html>. Acesso em: 21 jul. 2025;

ARROYO, Leonardo. Literatura infantil brasileira. São Paulo: Editora Unesp, 2011;

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). DSM-5: Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (5th ed.). Porto Alegre: Artmed, 2014;

BANN, D. Novo manual de produção gráfica: edição revisada e atualizada. Porto Alegre: Bookman, 2012. 224 p;

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva, 2005;

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2012;

BARBOSA, Ana Mae. Redesenhando o desenho: educadores, política e história. São Paulo: Cortez, 2015;

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN. Robinson Crusoe. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6745>. Acesso em: 21 jul. 2025;

BINELLO, Amanda Dalla Costa; RADÜNS, Caroline Daiane; GROSSMANN, Fabiane Volkmer. O papel do Designer na Produção Editorial do Livro Infantil. Salão do Conhecimento. Unijuí 2019. XX Jornada de Extensão. 2019. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/12819>. Acesso em: 29 nov. 2024;

BONSIEPE, Gui. Design, cultura e sociedade: reflexões sobre o design industrial. São Paulo: Blucher, 2011;

BOSA, Cleonice. Autismo: intervenções psicoeducacionais. In: Brazilian Journal of Psychiatry. Maio/2006;

BURT, C. A Psychological Study of Typography. London: Cambridge University Press, 1959. 68 p;

BURT, Cyril. A psychological study of typography. Cambridge University Press, 1959;

CADEMARTORI, Lúgia. O que é literatura infantil. São Paulo: Brasiliense, 1986. Coleção Primeiros Passos;

CALDIN, C. F. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. Enc. Biblio: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf, Florianópolis, n. 12, p. 32-44, 2001;

CAMPUS VILLA. A importância das cores no desenvolvimento infantil. 2019. Disponível em: <https://campusvilla.com.br>. Acesso em: 15 jul. 2025.

CARDOSO, Rafael. Design para um mundo complexo. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013;

CARDOSO, Rafael. O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960. São Paulo: Cosac Naify, 2005;

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. A literatura infantil: visão histórica e crítica. 6. ed. São Paulo: Global, 1989. 314 p;

CASARINI, P. C.; FARIAS, P. L. Didactica: tipografia para livros didáticos infantis. InfoDesign: Revista Brasileira de Design da Informação, v. 5, n. 2, p. 63-71, 2008. Disponível em: <https://infodesign.org.br/public/journals/1/No.2Vol.5->

2008/ID_v5_n2_2008_63_71_Casarini_et_al.pdf?download=1&phpMyAdmin=H8DwcFLEmv4B1mx8YJNY1MFYs4e#:~:text=Didactica%20%C3%A9%20uma%20fonte%20para,ferramenta%20no%20aux%C3%ADlio%20da%20alfabetiza%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 29 nov. 2024;

CNN HEALTH. CDC report shows autism rates continue to rise, now 1 in 31 among 8-year-olds. 2025. Disponível em:

<https://www.cnn.com/2025/03/24/health/autism-cdc-report-2024/index.html>.

Acesso em: 20 jul. 2025;

COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: teoria, análise, didática. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000;

COELHO, Nelly Novaes. Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão linguística. 3. ed. São Paulo: Quiron, 1980. 389 p.

COELHO, Nelly Novaes. O conto de fadas. 3 ed. São Paulo: Ática, 1998. Série Princípios;

CONNOLLY, P.; BARNETT, J. Designing for children with autism: Visual communication considerations. International Journal of Design in Society, v. 6, n. 2, p. 15-29, 2012;

COUTINHO, S. G.; FREIRE, V. E. C. Design para Educação: uma avaliação do uso da imagem nos livros infantis de Língua Portuguesa. In: 15º Encontro Nacional da ANPAP - Arte: Tratamento. Limites e Contaminações, 2006, Salvador. Anais do 15º Encontro Nacional da ANPAP. Salvador: ANPAP/UNIFACS, v.2. p. 245-254, 2007;

CUNHA, et al. Transtorno do Espectro Autista: Principais Formas de 2021. 15 p. Curso de Psicologia – Faculdade UMA de Catalão, Goiás, 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/b11a18ad-faa8-45f6-b07e-a73e9fbbefaf>. Acesso em: 25 nov. 2024;

DOCKWRAY, A.; MOLESWORTH, B. R. Designing environments for children with autism: Creating accessible visual communication. Journal of Special Needs Education, v. 25, n. 1, p. 45-55, 2018;

DOMESTIKA. Lettering manual divertido para ilustração de livro infantil. Disponível em: https://www.domestika.org/pt/courses/3185-lettering-manual-divertido-para-ilustracao-de-livro-infantil/final_project_lessons. Acesso em: 21 jul. 2025;

ENCANTAMENTOS LITERÁRIOS. Chapeuzinho Amarelo - Chico Buarque. Disponível em: <https://encantamentosdaliteratura.blogspot.com/2010/04/releitura-chapeuzinho-amarelo-chico.html>. Acesso em: 21 jul. 2025;

ESTADÃO. A parte que falta ou a que te completa? De que lado você está?. Disponível em: https://www.estadao.com.br/emails/familia-plural/a-parte-que-falta-ou-a-que-te-completa-de-que-lado-voce-esta/?srsId=AfmBOopfCcyOVp5TDUEnOgGK_YXSFrM4PCMMqrqElvhSXVS2Ah-jNpvA. Acesso em: 21 jul. 2025;

FALCÃO, C. S.; SANTOS, L. C. Design e Autismo: comunicação visual e acessibilidade em materiais didáticos. Revista Educação Especial, v. 27, n. 50, p. 261-276, 2014;

FAUST, M. A. Off the wall, but playable: Advice on coaching Young readers. Journal of Reading, 38(8), 604-610, 1995;

FERREIRA, D. T. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. ETD Educação Temática Digital, Campinas-SP, v.4, n. 2, p. 35-47, jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/620>. Acesso em: 27 nov. 2024;

FLUSSER, V. Uma Filosofia do Design: A Forma das Coisas. Lisboa: Relógio D'Água, 2010. 144 p;

FAUST, Gilberto. Design instrucional: princípios e métodos. São Paulo: Pearson, 1995;

FLEXOR, L.; KISHIMOTO, T. M.; ROJO, R. H. R. Ilustração no livro infantil: produção de sentidos. São Paulo: Cortez, 2009;

FRANTZ, Maria Helena Zancan. O ensino da literatura nas séries iniciais. 3 ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2001. Coleção Educação;

FREIRE, F. M. C.; COUTINHO, M. C. S. Design e cognição infantil: diretrizes projetuais para a criação de materiais educativos. 2008.

FREIRE, V. E. C.; COUTINHO, S. G. Design for educational artifacts: an evaluation of the use of images in Young children's workbooks in Brazil. Selected Readings of 39º Annual Conference of the International Visual Literacy Association. Loretto – PA: IVLA - International Visual Literacy Association, 2008;

GADIA, C. A.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N. T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. Jornal de Pediatria Sociedade Brasileira de Pediatria, v.80, n.2, p. 83-94, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/mzVV9hvRwDfDM7qVZVJ6ZDD/>. Acesso em: 27 nov. 2024;

GENIAL CARE. Genial Care – Cuidados especializados para a infância. [S.I.]: Genial Care, [s.d.]. Disponível em: <https://genialcare.com.br/>. Acesso em: 21 jul. 2025;

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008;

GODOI, Marcella Moura; GODOI, Adriana Moura Lelis; LOPES JÚNIOR, Hélio Marco Pereira; LOPES, Juliana Claudino Pereira. Os benefícios da equoterapia para crianças com Transtorno do Espectro Autista. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, São Paulo, v. 10, n. 05, p. (artigo completo), maio 2024. ISSN 2675-3375;

GUIA DA CARREIRA. Monteiro Lobato: 5 coisas que o escritor ensinou sobre carreira. Disponível em: <https://www.guiadacarreira.com.br/blog/5-coisas-que-monteiro-lobato-ensinou-sobre-carreira>. Acesso em: 21 jul. 2025;

Guia Nacional do livro didático 2007. Língua Portuguesa: séries/anos iniciais do ensino fundamental. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006;

GUIMARÃES, Leandro. 18 de Abril - Dia Nacional do Livro Infantil. Mundo Educação. UOL. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-nacional-livro-infantil.htm#:~:text=Comemora%2Dse%20em%2018%20de,literatura%20voltad a%20para%20as%20crian%C3%A7as>. Acesso em: 29 nov. 2024;

HALL, A. Fundamentos Essenciais da Ilustração. São Paulo: Rosari, 2012. 228 p;

HASLAM, A. O livro e o designer II: Como criar e produzir livros. São Paulo: Edições Rosari, 2007;

HELANDER, M. G.; LANDAUER, T. K.; PRABHU, P. V. Handbook of human-computer interaction. Amsterdam: Elsevier, 1997;

HUNT, P. Crítica, teoria e literatura infantil. São Paulo: Cosac Naify, 2010. 328 p;

HURLBURT, A. Layout: o design da página impressa. São Paulo: Nobel, 2002. 159 p;

JANSEN, Carlos. Robinson Crusoé (Adaptação). Rio de Janeiro: Laemmert & Co, 1884. In: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/simplesearch?query=robinson+cruso%C3%A9&search=Buscar>. Acesso em: 29 nov. 2024;

JÚNIOR, J. A. C.; SANTOS, C. M. C. Tipografia inclusiva: características e recomendações para leitores com dificuldades cognitivas. Revista Design e Comunicação, v. 19, n. 2, p. 39-52, 2020;

KOMOSINSKI, L. M. G.; ZORDAN, E. P.; MENEGOLLA, C. Biblioterapia. Rev. Língua e Literatura, v. 10, n. 14, p. 85-100, jul. 2007;

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. Reading Images: The Grammar of Visual Design. London: Routledge, 2006;

LARROSA, J. La experiencia de la lectura: Estudios sobre lectura y formación. Barcelona: Laertes, 2003;

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2003;

LEE, Suzy. Onda. São Paulo: Cosac Naify, 2008;

LENCASTRE, L. Leitura: a compreensão de textos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003;

LERER, Seth. Children's Literature: A Reader's History from Aesop to Harry Potter. Chicago: University of Chicago Press, 2008;

LINDEN, Claudia. O que é um bom livro infantil? São Paulo: Cosac Naify, 2011;

LINDEN, Sandra. Livro ilustrado: palavra e imagem. São Paulo: DCL, 2011;

LINDEN, S. V. Para ler o livro ilustrado. São Paulo: Cosac Naify, 2011. 184 p;

LINS, C. Imagem e infância: a ilustração do livro para crianças. 2003;

LINS, G. Livro Infantil? Projeto gráfico, metodologia, subjetividade. São Paulo: Rosari, 2003. 93 p;

LOBACH, Bernd. DESIGN INDUSTRIAL. Bases para Configuração dos Produtos Industriais. Rio de Janeiro: Editora Edgard Blucher, 1976. 1ª Edição, 2001;

LOURENÇO, Márcia. Livros para crianças: tipografia, legibilidade e design gráfico. São Paulo: Rosari, 2011;

LOURENÇO, D. A. Tipografia para Livro de Literatura Infantil: Desenvolvimento de um guia com recomendações tipográficas para designers. Curitiba, PR: Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, 2011. 286 p;

LOURENÇO, M. L. Projeto gráfico de livros infantis: leitura visual e formação do leitor. São Paulo: Rosari, 2011;

LUPTON, Ellen. Design gráfico: fundamentos. São Paulo: Cosac Naify, 2013;

LUPTON, E. Pensar com Tipos: guia para designers, escritores, editores. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013. 224 p;

MARAFIGO, Elisa Carbone. A importância da leitura infantil na formação de uma sociedade de leitores. São Joaquim, 2012;

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003;

MATTOS, M. S.; RIBEIRO, P. F. N.; VIANNA, S. Capas e contracapas de livros ilustrados: espaços privilegiados de estratégias discursivas. Cadernos de Letras da UFF, 26(52): 349-372, 2016. (Dossiê: A crise da leitura e a formação do leitor);

MAURICIO. Quais são os elementos externos e internos que compõem um livro? Auto Publicação. EDocBrasil, 2023. Disponível em: <https://edocbrasil.com.br/quais-sao-os-elementos-externos-e-internos-que-compoem-um-livro/>. Acesso em: 29 nov. 2024;

MELLO, Ana Maria. O uso da ilustração na aprendizagem da leitura. São Paulo: Cortez, 1980;

MELLO, T. O. P. Elaboração e teste de um material de história do Brasil: Aspecto vocabular e figurativo. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1980;

MENDES, Maria Aline Silva. A Importância da Ludicidade no Desenvolvimento de Crianças Autistas. Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. 55 p. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15863/1/2015_MariaAlineSilvaMendes_tcc.pdf. Acesso em: 01 dez. 2024;

MENEGAZZI, M. R.; DEBUS, E. A. Design gráfico e literatura infantil: a materialidade do livro como elemento de significação. 2018;

MENEGAZZI, D.; DEBUS, E. S. D. O Design da Literatura Infantil: Uma Investigação do Livro Ilustrado Contemporâneo. Vol. 16, n. 2, p. 273-285, mai/ago 2018. Unisinos. doi: 10.4013/cld.2018.162.09. Disponível em:

<https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2018.162.09>.

Acesso em: 29 nov. 2024;

MIRANDA, Aline; PASSERINO, Liliana. Ambientes virtuais e autismo: proposta de design pedagógico com base em cenários. RENOTE – Revista Novas Tecnologias na Educação, v. 12, n. 1, 2014;

MUNARI, B. Design e Comunicação Visual: contribuição para uma metodologia didática. Tradução Daniel Santana. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 350 p;

MOURA AZEVEDO. Geometria Prática Popular, Abilio Cesar Borges. Disponível em: <https://www.mouraazevedoleiloes.llel.br/peca.asp?Id=20302517>. Acesso em: 21 jul. 2025;

NECYK, B. J. Texto e imagem: um olhar sobre o livro infantil contemporâneo. Rio de Janeiro, RJ: Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, 2007. 167 p;

NEIVA, E. J. A imagem. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

NEUROSABER. Autismo: a importância do uso de recursos visuais na aprendizagem. 2021. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/artigos/a-importancia-de-suportes-visuais-para-criancas-com-autismo/#:~:text=Os%20suportes%20visuais%20expandem%20a,a%20contribuir%20para%20suas%20atividades>. Acesso em: 21 jul. 2025;

NEUROCONNECTA. Como os recursos visuais ajudam na comunicação de crianças autistas. 2023. Disponível em: <https://neuroconecta.com.br/recursos-visuais-qual-a-importancia-no-dia-a-dia-de-pessoas-com-autismo/>. Acesso em: 21 jul. 2025;

NIKOLAJEVA, M.; SCOTT, C. How Picturebooks Work. New York: Routledge, 2011;

NIKOLAJEVA, M.; SCOTT, C. Livro Ilustrado: palavras e imagens. São Paulo: Cosac Naify, 2011. 368 p;

NUNES, D. R. P.; WALTER, E. C. Processos de leitura em educandos com autismo: um estudo de revisão. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 22, n. 4, p. 619-632, out./dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-65382216000400011>. Acesso em: 27 nov. 2024;

NUNES, I. et al. A importância do incentivo à leitura na visão dos professores da escola Walt Disney. Revista eletrônica [online], 2012. Disponível em: <http://refaf.com.br/index.php/refaf/article/view/53>. Acesso em: 27 nov. 2024;

OLIVEIRA, I. (org.). O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008. 313 p;

OLIVEIRA, J.; SANTOS, F.; BOTELHO, N. Inclusão do autista na escola através da literatura infantojuvenil. Universidade do Gurupi, 12 abril 2023. Research, Society and Development, v. 12, n. 4, 8 p. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/41177/33522/439170#:~:text=Trazer%20a%20literatura%20infantil%20para,inclusivo%2C%20rompendo%20paradigmas%20de%20limita%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 29 nov. 2024;

ORRÚ, Sílvia Ester. Autismo, Linguagem e Educação. Interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007;

ORSINI, Maria Stella. O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia. Comunicações e Artes, n. 11, p. 139-149, 1982;

OUAKNIN, Marc-Alain. Biblioterapia. [São Paulo]: Loyola, [1996];

PERES, R. L. P.; CAMPELLO, S. B. No caminho das setas: a produção de instrução ilustrada para crianças e as possibilidades de interpretação.

CIDI 2013 (Congresso). Blucher Design Proceedings, 2(1): 1-9 p., 2013;

POSSATTI, Giovana Marzari. Proposta de conjunto de diretrizes editoriais para o design de livro didático digital interativo para Tablet. Dissertação

(Mestrado em Design) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto

Alegre, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/134885>. Acesso em:

29 nov. 2024;

RAMOS, A. D. A. O design gráfico no livro para crianças: um estudo sobre projeto gráfico-editorial. 2011;

RAMOS, G. A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual.

Belo Horizonte: Autêntica, 2011. 173 p;

RESEARCH GATE. Maurice Sendak, Onde Vivem os Monstros. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-Maurice-Sendak-Where-the-monsters-live-1963_fig1_342408330. Acesso em: 21 jul. 2025;

ROQUE, C. L. B.; CANEDO, M. L. A importância do incentivo à leitura nos primeiros anos da infância. 2015. Disponível em:

https://www.pucrio.br/ensinopesq/ccg/licenciaturas/pibid/download/seminario_pibid_sudeste_201510_cassia_roque.pdf. Acesso em: 27 nov. 2024;

RODRIGUES, Marcelo. Estratégias de Comunicação: estratégias de comunicação visual para crianças autistas: ajudando seu filho a se

expressar. O Mundo de Peu, 2023. Disponível em:

<https://omundodepeu.blog.br/estrategias-comunicacao-visual-autista/>. Acesso em: 29 nov. 2024;

RODRIGUES, Scheila Leal; ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares;

SOUZA, Antonio Escandiel de; LAUXEN, Sirlei de Lourdes; BASSO,

Berenice Geschwind. XV Seminário Internacional de Educação no Mercosul. Literatura Infantil: Origens e Tendências. 2013;

RUIZ, T.; MARTINS, R. F. A função do formato: a influência das dimensões na organização da mensagem no livro ilustrado. In: Congresso Internacional de Design da Informação, 6º, Recife, 2013. Anais..., 4(1):1-8;

RUMJANEK, L. G. Tipografia para crianças: estudos de legibilidade. In: Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 8º, Rio de Janeiro, 2008. Anais..., RJ, p. 1232-1244;

RUSO, Fabiele. Recursos visuais: qual a importância no dia a dia de pessoas com autismo? Neuro Conecta, 2023. Disponível em: <https://neuroconecta.com.br/recursos-visuais-qual-a-importancia-no-dia-a-dia-de-pessoas-com-autismo/#:~:text=Os%20recursos%20visuais%20>. Acesso em: 29 nov. 2024;

SALISBURY, M.; STYLES, M. Livro infantil ilustrado: a arte da narrativa visual. São Paulo: Rosari, 2013. 192 p;

SAMARA, T. Guia de design editorial: manual prático para o design de publicações. Porto Alegre: Bookman, 2011;

SANTOS, et al. Volume 2 - Transtorno do Espectro Autista (TEA) Desafios da Inclusão. São Paulo: NApE (Núcleo de Acessibilidade Pedagógica), Centro Universitário São Camilo, 2020. 50 p. Disponível em: https://saocamilo-sp.br/_app/views/publicacoes/outraspublicacoes/nape_volume_02_13abr_FINA L.pdf. Acesso em: 27 nov. 2024;

SASSOON, Rosemary. Computers and Typography. Oxford: Intellect Books, 1993;

SASSOON, Rosemary; WILLIAMS, Adrian. Sassoon Primary Typeface. [Fontsmith Library], 2000;

SASSOON, R.; WILLIAMS, A. Why Sassoon? Material complementar que acompanha a tipografia Sassoon. Londres, 2000;

SEDAK, M. Onde Vivem os Monstros. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014. 49 p;

SILVA, Amanda Ferreira da. Design inclusivo: o livro infantil como incentivo para o desenvolvimento do aprendizado da criança autista. Monografia (Graduação em Design), Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. 91 f;

SILVA, Claudilene dos Santos. Inclusão de Crianças Autistas no Processo de Leitura. Faculdade de Biblioteconomia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. 43 p. Disponível em: https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/bitstream/prefix/531/1/TCC_InclusaoCriançasAutistas.pdf. Acesso em: 27 nov. 2024;

SILVA, Maria Emília da; FACHIN, Gleisy Regina Bóries. Leitura para portadores de deficiência com necessidades especiais: relato de uma experiência. Revista ACB, Florianópolis, v. 7, n. 1/2, 2002, p. 148-156;

SILVA, M.; MULICK, J. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. 2020;

SIPE, L. R. How picture books work: A semiotically framed theory of text–picture relationships. Children's Literature in Education, v. 29, n. 2, p. 97–108, 1998;

SISTEMA DE ENSINO INTERATIVO. O que é ler para uma criança com autismo? 2023. Disponível em: <https://sistemainterativo.com.br/o-que-ler-para-uma-crianca-com-autismo/>. Acesso em: 29 nov. 2024;

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Manual de Orientação: Transtorno do Espectro Autista. Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento, 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21775c-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo.pdf. Acesso em: 12 nov. 2024;

SOUZA, Adriano Caetano Guimarães de. A biblioterapia como alternativa terapêutica no tratamento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Belém: Universidade Federal do Pará;

STERNBERG, Robert. Psicologia Cognitiva. São Paulo: Artmed, 2000.

TAVARES, Paula. O desenho como ferramenta universal. O contributo do processo do desenho na metodologia projectual. Tékhne, Revista de Estudos Politécnicos, Portugal, Barcelos, n. 12, dez. 2009;

TEIXEIRA, Gustavo. Manual do autismo. Rio de Janeiro: Best Seller, 2016;

TIPOGRAFOS.NET. Qual é a fonte mais apropriada para crianças? Disponível em: <http://tipografos.net/tipos/fontes-para-crian%C3%A7as.html>. Acesso em: 21 jul. 2025;

THE TRANSMITTER. The new history of autism, part II. Disponível em: <https://www.thetransmitter.org/spectrum/the-new-history-of-autism-part-ii/>. Acesso em: 21 jul. 2025;

TRACY, Walter. Letters of credit: a view of type design. Boston: David R. Godine, 2003 [1986];

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. Organização Mundial da Saúde. 2022. Disponível em: <https://revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=view&path%5B%5D=2814#:~:text=Segundo%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial>

%20da,atividades%20realizadas%20de%20forma%20repetitiva. Acesso em: 29 nov. 2024;

VARGAS, R. M. Autismo e síndrome de Asperger. In: SAMPAIO, S.; FREITAS, I. B. **Transtornos e dificuldades de aprendizagem.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011;

VERA NUNES LEILÕES. Monteiro Lobato - O Pica Pau Amarelo (O sítio de Dona Benta, um mundo de verdade e mentira). Disponível em: https://www.veranunesleiloes.com.br/peca.asp?ID=13417907&srsItid=AfmBOorkvkcd7JZS6Gsdz5DxQUGsRhnoF7jCmB8zERvfqnS1z_maUa. Acesso em: 21 jul. 2025;

WITTER, Elizabete; RAMOS, Adail. Design e infância: a importância da cor. In: Anais do Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, São Paulo, 2008;

YUNES, E. Leitura como experiência. In: YUNES, E.; OSWALD, M. L. (org.), **A experiência da leitura.** São Paulo: Loyola, 2003. p. 7-15.

ZEEGEN, Lawrence. Fundamentos da ilustração. Tradução de Mariana Bandarra. Porto Alegre: Bookman, 2009;

ZILBERMAN, R. Literatura Infantil na Escola. 11ª ed., ver., atual e ampl., Global, 2005;

ZIMMERMANN, Marta Elisa. Design Editorial de Livro Ilustrado Infantil. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.